

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

FRANCESCA COPPOLA MORALES

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS:
REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA DRAMATÚRGICA EM A *PRINCESA CARECA***

Porto Alegre

2023

FRANCESCA COPPOLA MORALES

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS:
REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA DRAMATÚRGICA EM A *PRINCESA CARECA***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Escrita Dramatúrgica em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Morteo Éboli

Porto Alegre

2023

Franchesca Coppola Morales

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS PARA
CRIANÇAS: REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA
DRAMATÚRGICA EM A *PRINCESA CARECA***

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Escrita Dramatúrgica em Teatro
apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teatro.

Aprovado em: ____ de ____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Luciana Morteo Éboli - UFRGS (orientadora)

Camila Bauer - UFRGS

Clóvis D. Massa - UFRGS

Vera Lúcia Bertoni dos Santos - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Eu acredito que tudo o que sou hoje é um resultado de todos que me antecederam. Da mesma forma, aqueles que me nutriram, incentivaram, brincaram, riram e choraram comigo, também contribuíram para que eu fosse hoje, aquilo que não fui ontem. Nesse sentido, eu demonstro minha carinhosa gratidão aos que estiveram comigo, independente do tempo, independente do plano:

Ao meu pai, Derico Alejandro, por demonstrar que não há fronteiras para o amor, e por me permitir ser fruto disso. Por me ensinar valores inegociáveis, e por compartilhar tantas boas histórias comigo. *A ti, papá, te lo dedico todo*, porque não existe amor mais verdadeiro do que o amor de um pai por seu filho.

Às mulheres da minha família, especialmente às minhas avós, tias, primas e madrinha, que estiveram e estarão para sempre comigo, em presença e pensamento.

A família “nimesulida”, que em seu olhar sensível, me oportunizou ser, além de amiga, uma irmã, neta e filha. Aos meus pais do coração, Dona Raquel e Seu Marcelinho, agradeço todas as caronas, conversas, cafés e conselhos. Quero que saibam que são, significativamente, uma parte de mim.

A família Almeida de Souza, por apoiarem e festejarem cada passo andado desde que nos conhecemos. Vocês são, acima de tudo, inspiração, e sou eternamente grata por conhecer seus filhos Júlia, Miguel, e em especial, Augusto, pois são a comprovação de que uma educação carinhosa e segura tornam o ser humano gentil, afetuoso e feliz.

À dona Silvia, Aline e Felipe, por abrirem as portas de sua casa, e conseqüentemente de seus corações. Caminhamos juntos desde o ensino médio, e se porventura a ação do tempo nos distanciar, meus pensamentos mais carinhosos andarão com vocês: enquanto a Aline se tornar uma excelente médica; enquanto o Felipe se tornar um geógrafo promissor.

À Anne Marie Crosville, Caren Machado, Raquel Dabroski e a todas as crianças as quais troquei saberes significativos dentro do Centro Infante-Juvenil Luís Itamar. Levo comigo, a premissa aprendida com vocês: “Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares simples, conseguem mudanças extraordinárias.”

Aos meus colegas da Escola de Artes, Esportes e Tecnologias do Colégio Anchieta, que exerceram sobre mim, de forma ou outra, incentivo para continuar acreditando em meu trabalho e em meus propósitos.

Aos meus professores da escola Mascarenhas, e aos meus professores do Departamento de Arte Dramática, enfatizo meu respeito e minha gratidão. Em especial à minha orientadora Luciana Éboli, que ao utilizar de sua calma e sabedoria, me ajudou a tornar toda e qualquer tempestade, em uma chuva fina de verão.

Ao meu irmão, Francis, que me possibilitou desde cedo, viver uma vida recheada de emoção. Estaremos para sempre um ao lado do outro, assim como as datas de nossos aniversários, uma ao lado da outra.

À minha amada mãe, Mônica, por me proporcionar tudo, inclusive a vida. Por ti, continuarei a escrever, ainda que não leia; continuarei a lecionar, ainda que não veja; e sobretudo, continuarei a sorrir, pois ainda que não estejas sorrindo comigo, eu estarei dando ao mundo, aquilo que de mais precioso você me cedeu: um sorriso largo e sincero. *A ti, mamá, te lo dedico todo*, porque não existe amor mais verdadeiro do que o amor de uma mãe por seu filho.

Por fim, a modo de agradecer a todos que me atravessaram, de maneira ou outra, gostaria de citar uma música a qual representa muito bem todos os capítulos da minha vida:

*Gracias a la vida, que me ha dado tanto
Me ha dado el sonido y el abecedario
Con él, las palabras que pienso y declaro
Madre, amigo, hermano, y luz alumbrando
La ruta del alma del que estoy amando.
(Violeta Parra, 1966)*

O filósofo grego Aristóteles dizia que a potência que não se transforma em ato se encerra na sua inutilidade de nada ser. Jeito bonito de dizer que não dá para ser feliz se você tem uma ideia, um projeto ou sonho e não vai atrás, deixando as oportunidades se esvaírem.

(Mauricio de Sousa, 2017)

RESUMO

O presente trabalho trata sobre contar histórias, analisando aspectos de como a humanidade evoluiu a partir desta capacidade, construindo significados e símbolos. Afirma-se que uma das formas de contar histórias é o teatro, o que leva a autora a discorrer a respeito de sua trajetória como arte-educadora nos anos iniciais, os benefícios do teatro na infância e sua habilidade e paixão por contar histórias. Esta relação entre contar histórias, suas experiências desenvolvendo-se como dramaturga e o teatro na infância, abordada neste trabalho, culmina na escrita de *A Princesa Careca*, dramaturgia para crianças produzida pela autora e objeto de análise deste trabalho. Esta dramaturgia foi criada durante a disciplina de Laboratório de Composição Dramatúrgica (2021), e posteriormente continuou a ser escrita durante o Estágio em Escrita Dramatúrgica, sendo apresentada como um espetáculo participante da 25ª Mostra DAD do Departamento de Arte Dramática da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Contação de histórias. Escrita Dramatúrgica. Faz-de-conta. Infância. Oficinas. Teatro para crianças.

ABSTRACT

The present study discusses telling stories, analyzing aspects of how humanity evolved from the point of view of this capacity, building meanings and symbols. It is believed that one of the ways of telling stories is theater, which takes the author to discourse about her trajectory as an art-educator for Primary School years, the benefits of theater during childhood and her ability and passion for telling stories. This relation between telling stories, her experiences evolving as a playwright, and theater for children, discussed in this study, culminates in the writing of *A Princesa Careca*, a children-focused dramaturgy produced by the author and object of analysis of this work. This dramaturgy was created during the subject of Dramaturgy Composition Laboratory (2021), which later proceeded to be written during the Internship in Dramaturgical Writing, finally being presented as a play in the 25th Mostra DAD of the Dramatic Arts Department of UFRGS - Federal University of Rio Grande do Sul.

Key Words: Story Telling. Dramaturgic Writing. Make-believe. Childhood. Workshops. Theater for children.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: quadro demonstrativo sobre reflexões acerca da contação de histórias e teatro.....	15
Figura 2: Registro a partir do olhar de uma criança.....	24
Figura 3: “A caminho da escola”.....	29
Figura 4: “Na escola”	30
Figura 5: “Na direção da escola”.....	31
Figura 6: “A investigação”.....	31
Figura 7: “A resolução”	32
Figura 8: “O fim. Ou será que não?”.....	33
Figura 9: Registro de escrita de um dos participantes da oficina	35
Figura 10: A Princesa Careca	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A CAPACIDADE DE CONTAR HISTÓRIAS....	10
1.1. Por que contamos histórias?.....	10
1.2. Por que criamos histórias?.....	11
1.3. Teatro: uma das várias formas de compor histórias	15
1.4. E sobre minha capacidade: Por que escrever?.....	17
2. TEATRO E INFÂNCIA	20
2.1. A importância do teatro na infância.....	20
2.2. Estabelecendo vínculos, escrevendo afetos.....	22
2.3. Abordagens pedagógicas em prol da elaboração de textos	27
3. UMA DRAMATURGIA PENSADA PARA CRIANÇAS.....	36
3.1. A escrita: memória e processo.....	36
3.1.1. Em análise: CENA I, apresentando o contexto em que vive a princesa	37
3.1.2. CENA II: como devem pensar as princesas?	40
3.1.3. CENA III: representando o “faz-de-conta” a partir da literatura.....	43
3.1.4. CENA IV: a cena das estrelas.....	45
3.1.5. CENA V: o desenvolvimento emocional da princesa.....	47
3.1.6. CENA VI: a cena da floresta	49
3.1.7. CENA VII: “a confusão faz parte da vida”	51
3.1.8. CENA VIII: um final lúdico e feliz!	53
3.2. Reflexões acerca da escrita para crianças	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
APÊNDICE – A DRAMATURGIA	60

INTRODUÇÃO

A capacidade de comunicação, e mais especificamente, de contar histórias, é um dos fatores que nos constitui como seres humanos, inclusive diferenciando os *homo sapiens* de outras espécies anteriores à sua. Desde a vontade de expressar ideias até a forma de aprender, a nossa evolução passa por esta habilidade.

Partindo deste princípio, uma das formas que a humanidade desenvolveu para contar histórias é o teatro. O surgimento do teatro se dá a partir da *mimesis*, e o ser humano possui intrinsecamente a tendência da imitação, desde a infância, aprendendo por meio da reprodução de gestos, falas e trejeitos de pessoas de seu círculo mais próximo. Dentro deste contexto, o “faz-de-conta” e o teatro na infância possuem um papel educativo de extrema importância, havendo uma relação muito próxima entre o teatro e a educação.

A partir desta relação, o presente trabalho tem como objetivo estudar os avanços significativos que as construções e contações de histórias possibilitam ao desenvolvimento do indivíduo, elencando sua importância não só para as sociedades, como também para a forma de aprendizado a qual o sujeito constitui ainda no período da infância. A arte, como expressão pura do modo subjetivo e do imaginário humano, estará eternamente presente nesse processo de estruturação, uma vez que torna-se parte fundamental da comunicação da criança para o mundo, manifestando suas emoções, aprendizados, sensações e assimilações.

Para isso, utilizarei de experiências pessoais e profissionais acerca do teatro para crianças, para afirmar a importância da linguagem simbólica, imaginativa e lúdica, evidenciando conceitos dramáticos como a escrita dramaturgica e a representação, a fim de traçar uma relação teórica para com a prática.

1. UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A CAPACIDADE DE CONTAR HISTÓRIAS

1.1. Por que contamos histórias?

Certa vez li em um livro¹ que, a espécie homo sapiens se tornou a única espécie humana permanente na terra, não só porque adquiriram as habilidades de construção e manuseio do fogo – já que essas também eram práticas comuns entre os extintos neandertais –, mas sim porque elaboraram uma complexa linguagem, servindo para além de uma conversa, como uma instigante forma de inventar e interpretar histórias, sendo elas verdadeiras, ficcionais, lendas ou abstratas. Trago em referência o que absorvi de outro livro, chamado *A Magia da Realidade*, no qual Richard Dawkins traça um comparativo muito interessante sobre o que é “magia sobrenatural”, “magia de palco” e “magia poética” e como isso afeta a ciência – ou melhor dizendo, a realidade.

Os doze capítulos do livro possuem como títulos questionamentos comuns da ordem humana, nos quais sempre há a explicação “sobrenatural” (lenda criada na intenção de explicar um fenômeno ou acontecimento natural), e a explicação científica, ou seja, a “magia poética”. Menciono isso, pois, Dawkins afirma que a “magia poética” é tudo aquilo que nos comove, deslumbra e nos faz continuar vivos. Para o autor, o ‘querer continuar vivo’ refere-se às inspirações que manifestam-se quando admiramos algo que não compreendemos muito bem como funciona, mas que buscamos entender, utilizando os recursos da pesquisa e experiência. Exemplos disso não nos faltam: Nicolau Copérnico e o heliocentrismo (1543); Charles Darwin e a seleção natural (1859); Ernest Everett Just e suas pesquisas em torno da fertilização (1909); Rosalind Franklin e a descoberta da dupla hélice do DNA (1962); foram significativos exemplares que possibilitaram verdadeiras histórias a humanidade, pois realizaram descobertas as quais resultaram avanços inestimáveis para a sociedade. Também há aqueles que, inspirados por suas respectivas “magias poéticas”, revolucionaram o mundo com suas invenções: Thomas Edison e a lâmpada elétrica (1879); Letitia Mumford Geer e a seringa com pistão (1899); Santos Dumont e o avião (1901); são alguns dos grandes nomes que optaram por tornar realidade seus projetos, tornando-os parte fundamental da história humana.

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das

¹ Breve Historia de Chile, Alfredo Sepúlveda.

quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através do que os outros nos contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos... Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através desta prática, compartilhar (KAERCHER, 2000, p. 80).

Ao falarmos sobre a importância de contar histórias, é importante ilustrarmos quem a faz, e quais os motivos para fazê-la. Ao pensarmos que o humano existe pela qualidade da comunicação, e que todas as evoluções existentes – e as que existirão – são a vontade de expressar ideias, não seria errado dizer que uma de nossas capacidades mais sublimes é o ato de contar uma história, seja ela de forma oral, literária, artística ou científica. Até mesmo nossa forma de aprender passa pelas construções de histórias. Se exemplificarmos com a infância, rapidamente pensamos em crianças brincando, ou recordamos nossas próprias brincadeiras, momentos alegres os quais geralmente concordamos que poderiam voltar. Embora pareçam somente momentos de descontração infantil, o ato de brincar é extremamente valioso para o desenvolvimento saudável de uma pessoa, pois são nessas circunstâncias que a criança aprende, imitando a realidade à sua maneira, tornando a brincadeira uma espécie de pesquisa prática e interativa. E a história? Encontra-se na habilidade de simbolizar, a qual a criança adquire ainda nos primeiros anos de vida.

1.2. Por que criamos histórias?

Para entendermos melhor as associações as quais estou elaborando, trago um estudo muito interessante no qual a professora e pesquisadora Vera Lúcia Bertoni dos Santos participou, chamado *Educação Infantil, Pra que te quero?*, organizado por Carmem Craidy e Gládis E. Kaercher. Nele, a professora Vera Lúcia escreve em seu capítulo “Promovendo o Desenvolvimento do Faz-de-Conta na Educação Infantil”, uma análise elucidativa sobre as brincadeiras simbólicas, ou também chamadas de “faz-de-conta”, das quais a criança utiliza como uma forma de expressar dramaticamente o que aprendeu ou o que percebe ao seu redor.

“A capacidade de representação dramática do ser humano não está presente nos recém-nascidos nem nos animais. A partir do momento em que a criança torna-se capaz de imaginar, ela passa a desenvolver diferentes formas de expressão como a oralidade, a expressão plástica, a música e a expressão dramática, através das quais estabelece relações com o mundo.” (SANTOS, 2001, p. 90).

Essas brincadeiras tornam-se cruciais para o desenvolvimento de uma criança, porque trabalham tanto valências motoras e cognitivas, quanto aspectos exploratórios e de senso crítico, e ao serem vividas e incentivadas ao longo dos anos, transformam a brincadeira em uma ponte para a construção do ser social. No capítulo, somos apresentados aos modelos de representações simbólicas, isto é, a vontade de imitar pessoas ou objetos de seu convívio, e as respectivas idades nas quais a brincadeira desenvolve-se, moldando-se ao passo em que a criança estimula sua imaginação.

De um ano e meio aos três anos de idade, a criança atribui a objetos, algumas das ações as quais ela vive em seu dia a dia. Colocar seus brinquedos para ‘dormir’, ou brincar que os ‘alimenta’, faz com que a criança exerça seu poder de compreensão e assimilação, evoluindo – algumas vezes – para imitações simplificadas de gestos e ações de pessoas ou exemplos próximos. De três a quatro anos, a criança elabora brincadeiras um pouco mais complexas, que lhe exige certa dedicação e observação. Nessas brincadeiras, não necessariamente existe a presença de um objeto específico, como um brinquedo, por exemplo, pois a criança pode assumir para si um papel (dirigir como a mãe; cozinhar como o pai) e dessa forma brincar, inicialmente com o propósito da imitação, e depois como a forma de comunicar os valores aprendidos para o mundo.

Dos quatro aos sete anos, além de existir uma elaboração mais complexa dos jogos e brincadeiras, a criança geralmente procura viabilizar uma realidade, tanto aquela do mundo real, quanto aquela do mundo ficcional. Menciono isso pois, não só as crianças como também os adultos inspiram-se através de músicas, filmes e livros, para compor seus respectivos objetivos. Exemplifico com uma experiência própria: Quando criança, após ver a adaptação cinematográfica de *As Crônicas de Nárnia, O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, fiquei fascinada por arcos e flechas. Havia uma personagem feminina que sabia manuseá-lo muito bem, além de ser a irmã mais responsável entre quatro irmãos. Então para imitá-la, pegava um cabide – porque o formato era levemente parecido – e brincava como se jogasse flechas (invisíveis) em inimigos (também invisíveis). Apesar de não ser o objeto verdadeiro para tal função, e as flechas realmente não existirem, existia uma realidade que ali estava se compondo: usar dos meus recursos imaginativos para elaborar minha brincadeira, e assim dar continuidade às histórias que inventava no dia a dia.

Segundo Vygotsky (1978), uma criança em desenvolvimento apresentará dois estágios: **a zona de desenvolvimento real**, ou seja, o conjunto de conhecimentos preliminares da criança, os

quais ela adquire através da observação; e a **zona de desenvolvimento potencial**, conjunto de conhecimentos que ela pode vir a adquirir através de uma interação significativa em seu processo de aprendizado. A transição de uma zona para a outra também possui nomenclatura, a qual inclusive é considerada um dos pilares primordiais no estudo dos fundamentos psicológicos da educação moderna (FINO, 2001), e se chama **Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)**, a qual propõe-se qualificar o momento em que a interação social (plano interpsicológico) torna-se aprendizado do próprio sujeito (plano intrapsicológico). Em outras palavras, buscando trazer uma exemplificação, a zona de desenvolvimento real é quando observamos uma árvore movendo-se com o vento; a zona de desenvolvimento potencial é quando **sabemos** que a árvore move-se por causa do vento; e a zona de desenvolvimento proximal torna-se, então, o tempo, pesquisa e processo entre observar e saber. De forma parecida insere-se a brincadeira de “faz-de-conta”, ou simplesmente representação na infância.

A brincadeira de faz de conta é responsável por criar ‘uma Zona de Desenvolvimento Proximal’ justamente porque, através da imitação realizada nessa brincadeira, a criança internaliza regras de conduta, valores, modos de agir e pensar de seu grupo social, que passam a orientar o seu próprio comportamento e desenvolvimento cognitivo. Assim o brinquedo não só possibilita o desenvolvimento de processos psíquicos por parte da criança como também serve como um instrumento para conhecer o mundo físico e seus fenômenos, os objetos e seus usos sociais e, finalmente, entender os diferentes modos de comportamento (os papéis que desempenham, como se relacionam e os hábitos culturais). (REGO, 1995, p. 113)

Para Vygotsky (1984), a construção da representação (faz-de-conta) desenvolve-se na infância pois, a medida em que a criança interage com o outro, atribuindo significado a objetos, acontecimentos, funções, etc., ela executa uma reconstrução interna das situações vividas, assimilando criação com experiência, e dessa forma, apropriando-se do entendimento de signos sociais.

[...] o signo opera inicialmente na conduta infantil **como um meio de relação social, como uma função interpsíquica**. Posteriormente se converte em um meio pelo qual a criança controla sua conduta de modo que **o signo simplesmente transfere ao interior da personalidade a atitude social para o sujeito**. A mais importante e fundamental das leis genéticas que nos leva ao estudo das funções psíquicas superiores estipula que cada uma das atividades simbólicas da criança constituíram antes formas sociais de co-operação e que preservam ao longo de todo o desenvolvimento até seus níveis mais altos, o método social de funcionamento. Se revela aqui a história das funções psíquicas superiores **como a história da transformação dos meios de comportamento social em meios de organização psíquica individual** (VIGOTSKI; LURIA, 2007, p. 51, grifos do autor)

Para o autor, os signos são as representações mentais as quais podem servir de referência para elementos diversos, sendo incorporados pela criança, tanto em sua memória, quanto em sua percepção e demais funções psicológicas de seu desenvolvimento. É através de signos que o sujeito detém as possibilidades de compartilhar e acumular conhecimentos, evoluindo suas funções psicológicas e utilizando-se, desse modo, tanto de operações simbólicas externas (pessoas, eventos, objetos, animais, etc), quanto de operações simbólicas internas (imaginação, comparação, etc). Portanto, uma das maneiras de expor e compor essas operações simbólicas tão fundamentais para o desenvolvimento cognitivo da criança é o ato de brincar, e no caso da presente pesquisa, o ato de brincar de “faz-de-conta”, pois entende-se que essa brincadeira auxilia no desenvolvimento de capacidades emocionais e sociais da criança, tendo em vista que, ao beneficiar-se de interações e/ou situações simbólicas para representar, ela exercita sua imaginação, solucionando eventuais problemas de seu cotidiano.

É preciso acentuar que a ação, no brincar, não provém da situação imaginária mas, pelo contrário, é esta que nasce da discrepância entre a operação e ação; assim, não é a imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tornam necessária a imaginação e dão origem a ela (LEONTIEV, 1988, p. 127).

Inspirada por situações as quais observou e/ou vivenciou, a criança brinca de “faz-de-conta”, criando **histórias e narrativas** próprias que estimulam a sua imaginação, misturando realidade e fantasia para desenvolver, dentro de seu processo de aprendizagem, sua identidade e seus aspectos sociais, culturais e emocionais. Em outras palavras, criamos histórias para constituir quem somos, e somos o que somos pois sempre: “é preciso recheiar nossa existência com pitadas de fantasia!” (KLISYS, 2007, p. 29).

1.3. Teatro: uma das várias formas de compor histórias



Conforme demonstrado na imagem acima, uma das definições de teatro pode ser considerada como a junção do que foi escrito até o momento: se a sociedade tornou-se ‘sábua’ por causa da invenção da linguagem; se a busca pela realidade comprovada traz a tona a “magia poética” de cada um; e se essa “magia” é utilizada para aprender, necessitando brincar através de histórias de “faz-de-conta”, penso que dentre tantas necessidades do humano, destaca-se a vontade de contar histórias, o que por sua vez, originou o teatro.

Desde as mais antigas definições de teatro documentadas, já pensava-se no conceito de *mimesis* para as artes poéticas, ou contextualizando, para a tragédia, comédia e epopéia. Em seus escritos acerca da origem da poesia, Aristóteles afirmava que: “A tendência para a imitação é instintiva no homem desde a infância.” (POÉTICA, p. 291), e que eram a partir desses exercícios (imitação) que surgiam a poesia². É por isso que o teatro originou-se de processos ritualísticos e cerimoniais, nos quais a finalidade era, além de celebrar seus deuses, representar artisticamente os anseios e emoções da condição humana, e uma das melhores formas – se não, a melhor – de desenvolver toda a complexidade acerca do sujeito, era desempenhada a partir de uma prática essencial na comunicação de ideias: a escrita dramática.

Aristóteles, com o objetivo de analisar as escritas dramáticas da época, qualificou a tragédia como uma composição de seis partes: “[...] a fábula, os caracteres, a elocução, o pensamento, o espetáculo apresentado, o canto (melopéia).” (POÉTICA, p. 297), a fim de estudar

² Refiro-me ao seguinte fragmento escrito em *A Poética*: “Como nos é natural a tendência à imitação, bem como o gosto da harmonia e do ritmo (pois é evidente que os metros são parte do ritmo), nas primeiras idades os homens mais aptos por natureza para estes exercícios foram aos poucos criando a poesia, por meio de ensaios improvisados.” (ARISTÓTELES, p. 291)

e compreender quais os principais elementos do drama e como eles se originam a partir do indivíduo ou da sociedade. Também analisou e constatou o conceito de estrutura “início, meio e fim”, pontuando a importância do conflito e da resolução dentro de uma narrativa, com o propósito de alcançar o estado de catarse – efeito de emoção e/ou identificação com as personagens ou situações representadas.

A mais bela tragédia é aquela cuja composição deve ser, não simples, mas complexa; aquela cujos fatos, por ela imitados, são capazes de excitar o temor e a compaixão (pois é essa a característica deste gênero de imitação). (ARISTÓTELES, p. 309)

Ainda para Aristóteles, é imprescindível que a tragédia apresente muito bem as ideias ou pensamentos do autor por si só, isto é, o texto deve ser muito bem escrito, para expressar-se independente da encenação. Horácio, em *A Arte Poética*, parece concordar com Aristóteles ao escrever: “Não basta serem belos os poemas, têm de ser emocionantes [...], se me queres ver chorar, tens de sentir a dor primeiro.” (2005, p. 58), ao mesmo tempo em que aconselhava escritores a escreverem sobre temas os quais tenham estudado profundamente, para alcançarem a coerência e polidez necessária para com aquilo que estão propondo-se a escrever. Essas afirmações, demonstram a importância não só de compartilhar histórias, mas também de refleti-las para além das ações das personagens, elencando seus ideais, sentimentos e críticas, tanto de ordem moral quanto social, para dessa forma dignificar a escrita.

Já se perguntou se o que faz digno de louvor um poema é a natureza ou a arte. Eu por mim não vejo o que adianta, sem uma veia rica, o esforço, nem, sem cultivo, o gênio; Assim, um pede ajuda ao outro, numa conspiração amistosa. Muito suporta e faz desde a infância, suando, sofrendo o frio, abstando-se do amor e do vinho, quem almeja alcançar na pista a desejada meta; (HORÁCIO, p. 67)

Essa capacidade de escrever sobre aquilo que possui conhecimento, só poderá ser realizada através de pesquisa, pois: “não existe pesquisa sem criação, e a criação sem pesquisa não é arte”³ (SANCHEZ, 1990). Contudo, é importante evidenciar que dentro do espectro da arte dramática, a pesquisa pode desenvolver-se através de inúmeras formas, sejam elas práticas

³ Como informado no artigo *Fazer Teatro é Pensar Teatro*, escrito pelo professor pesquisador André Carreira, a citação foi dita por Sanchez em uma sessão do Seminário Internacional Las artes escénicas como práctica de investigación (la transformación de los espacios académicos y artísticos – 1990/2010)

de atuação, memória, debates ou intercâmbios culturais, desde que sejam pensadas para concluir sua narrativa, isto é, devem acrescentar ao(s) indivíduo(s), certa revolução intelectual à medida em que são refletidas.

Pensaremos no espetáculo (nossa prática) porque não nos resta outra opção do que assumir seu papel de objeto (experiência) da memória. Fazer ou pesquisar esse objeto (ato e memória da experiência) é também construir condições para sua repercussão posterior ao ato da presença. Construimos olhares sobre esses objetos e produzimos significados que estão relacionados com a experiência da produção e recepção. (CARREIRA, 2012, p. 6)

Portanto, o teatro é, em toda sua extensão (texto, ensaio, atuação, diálogo, cena, apresentação, etc), inseparável da intenção de expressar histórias, o que por sua vez, torna-se inerente aos processos de pesquisa, sejam eles práticos – como o “faz-de-conta” –, ou teóricos – como a escrita deste trabalho. Isso não quer dizer que há necessariamente uma ordem para esses conceitos serem trabalhados, pois podem (e devem) ser relacionados entre si, a fim de gerarem associações de ideias, e assim, um pensamento que operacionaliza a ação (CARREIRA, 2012).

1.4. E sobre minha capacidade: Por que escrever?

A família Coppola é composta majoritariamente por mulheres que gostam de conversar. Antigamente, quando os almoços de domingo aconteciam na casa de Dona Ilce (minha avó materna), era possível ouvir paralelamente de duas a três conversas diferentes, nas quais todas falavam ao mesmo tempo, e inacreditavelmente se entendiam – ou achavam que se entendiam. Crescer em uma família barulhenta nos possibilita dois caminhos: ou você se torna uma pessoa que busca falar o mínimo possível – afinal a sua mãe já contou toda a sua vida para qualquer pessoa de confiança que ela conheceu há três minutos atrás –, ou você se torna uma aprendiz em ascensão de “A voz do Brasil”⁴, necessitando comentar tudo que está ao seu alcance de percepção, levando para frente os bons – e maus – hábitos que sua família infiltrou em seu crescimento pessoal. Se já não bastasse essa grande dádiva familiar a qual fui presenteada, a

⁴ A Voz do Brasil é o primeiro noticiário radiofônico do país e da América latina como um todo. Estando vigente até os dias de hoje, tem programação obrigatória em todas as emissoras de rádio do Brasil.

família Morales trazia em sua cultura a “cereja do bolo”: o costume de serem expressivos, e muito – digo muito – emotivos, tornando essa estudante que vos escreve uma “máquina” de palavras sentimentais e existencialistas – e um tanto quanto ficcionais, também.

Quando pequena, eu vivi os primeiros cinco anos de idade em uma pequena cidade chamada La Calera, no Chile. Meus pais contam que demorei a dizer minhas primeiras palavras pois vivia entre dois idiomas: enquanto todos à minha volta falavam espanhol, minha mãe fazia questão de conversar em português dentro de casa, em uma prática inteligente para não esquecermos do nosso país de origem. Iniciei minha educação escolar aos quatro anos, e nessa idade eu já me comunicava bem e havia iniciado minha alfabetização, o que seria uma grande vantagem se no ano seguinte não tivéssemos voltado ao Brasil, em uma época em que as crianças só poderiam iniciar os estudos após completar sete anos de idade. Como minha mãe era uma pessoa comunicativa – e não descansava até conseguir o que desejava –, me colocou na pré-escola com cinco anos de idade. Em 2003, eu era a coleguinha ‘francesa’ da turma, afinal meu nome é Franchesca, e eu falava um idioma diferente, uma relação que faz todo sentido na cabeça de crianças de seis anos de idade. Eu me lembro vagamente de certa dificuldade de comunicação com as outras crianças, mas brincava e interagia bem.

Quando completei seis anos de idade, minha mãe observou que eu necessitava progredir em relação ao meu aprendizado. Todos os meus colegas da pré-escola foram para seu 1º ano do Ensino Fundamental, porém, por lei, eu não poderia acompanhá-los, pois não tinha sete anos completos de idade. Minha mãe, então, ‘mudou essa lei’. Ela provavelmente deve ter incomodado tanto cada funcionário da Secretaria de Educação de Gravataí, que não duvido da possibilidade de ter existido uma placa com os dizeres “proibido a entrada de mãe insistente e sua filha chilena” no ano de 2004, mas graças a ela, eu estava dentro do meu tempo saudável de desenvolvimento intelectual, e pude aprender a ler e escrever em um idioma que para mim ainda era secundário, o português.

Nessa época, eu tive muitas dificuldades de comunicação. Meus novos colegas não compreendiam o que eu falava, e os adultos ora diminuía minhas necessidades, ora debochavam da forma como eu me expressava, e isso me frustrava bastante. Quando adquiri a aptidão da leitura e escrita, muitas vezes preferi passar as tardes e noites praticando-as, pois eu sentia que era importante me estabelecer como alguém que pudesse ser entendida para além do ambiente familiar. Obviamente eu não possuía essa compreensão, mas sentia que necessitava

comprovar uma certa capacidade de expressão, e por isso, tomei gosto por ler tudo que pudesse em voz alta. Lia placas de trânsito, outdoors, propagandas de mercado, fachadas de lojas, e perguntava o significado de tudo, ao mesmo tempo em que conservava diversas “notas mentais”, para não esquecer o significado das expressões ou das palavras. Nessa idade, perguntei à minha mãe o que era motel (tinha visto através da janela do ônibus), e na tentativa de me dar uma resposta rápida para não se constranger no transporte público, ela disse que era um lugar no qual só namorados poderiam se hospedar. Naquele dia, eu tomei para mim uma definição a qual curiosamente não esqueço: se “motel” era para namorados, então evidentemente “hotel” fora criado somente para solteiros.

[...] o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (CANDIDO, 1988, p. 177)

Logo em seguida, comecei a ler gibis e livros pequenos. Os adorava ler em voz alta pois poderia mudar o tom da voz dependendo de cada personagem, tornando esse momento uma brincadeira de “faz-de-conta” também. Lembro-me bem da história inicial do primeiro gibi que li na infância, e lembro-me com muito carinho e gratidão, de todas as vezes que minha mãe me levou ao sebo para trocarmos livros, pois foram objetos e experiências que transformaram a minha conduta, tornando-se elementos ternos das minhas brincadeiras e desenvolvimento.

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1988, p. 175)

Ao considerar a leitura como um momento de brincadeira, eu obviamente praticava a minha escrita, pois gostava de repetir aquilo que me impressionava, e dessa forma, conseguia também expressar os sentimentos que me atravessavam. O ato de escrever era, para mim, uma possibilidade de me comunicar, sem necessariamente precisar estar em uma conversa ou em uma situação em que acreditava estar vulnerável. Essa prática fez com que eu desenvolvesse muitos textos pessoais ao longo da adolescência, e não foi diferente quando ingressei no curso

de Teatro da UFRGS, ou quando me tornei graduanda da ênfase de Escrita Dramatúrgica⁵, pois escrevia trabalhos os quais, quase sempre, retratavam algo que presenciei, senti, imaginei ou que imaginava ter verbalizado.

Sendo assim, o texto apresentado em meu estágio – o qual veremos mais detalhadamente no terceiro capítulo – também era, além de uma pesquisa interativa, uma escrita pessoal, transformando-se de um caderno *hupomnêmata*⁶ em uma correspondência⁷ minha ao mundo. A *Princesa Careca* nada mais é do que minhas escritas acerca da infância, memória e saudade.

2. TEATRO E INFÂNCIA

2.1. A importância do teatro na infância

Sabemos que o teatro e a sua arte de contar histórias são formas antigas e poderosas de comunicação, as quais desempenham papel fundamental no desenvolvimento humano e social. Segundo Cavassin (2008), a relação entre o teatro e a educação é muito estreita, visto que os princípios pedagógicos do teatro apresentam nítidas relações com os modos de aprendizado, “considerando essa arte como uma forma humana de expressão, a semiótica e a cultura.” No contexto da infância, essas formas de expressão desempenham um papel especial, proporcionando às crianças oportunidades únicas para explorar a imaginação, desenvolver habilidades sociais e emocionais, e construir uma compreensão profunda do mundo ao seu redor.

Junior e Santos (2019) afirmam que trabalhar com o teatro para crianças, fazendo-as representar e não apenas assistir, inclui uma gama de vantagens para o indivíduo, como a imitação de voz, a exploração do vocabulário, o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens, e o desenvolvimento da imaginação e criatividade. Quando a criança representa

⁵ A graduação em Escrita Dramatúrgica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, somente tornou-se possível a partir do ano de 2019.

⁶ Refiro-me ao que o filósofo Michel Foucault escreveu ao analisar as técnicas de *escrita de si* para constituição do sujeito. Segundo o pensador, os *hupomnêmata* eram cadernos ou livros de memórias em que os indivíduos “[...] anotavam citações, fragmentos de obras, exemplos e ações que foram testemunhadas ou cuja narrativa havia sido lida, reflexões ou pensamentos ouvidos ou que vieram à mente”. (FOUCAULT, A escrita de si, p. 147)

⁷ Novamente trazendo referência ao trabalho de Foucault, cito correspondência como uma escrita para “[...] dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira do remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz.”. (FOUCAULT, A escrita de si, p. 150)

teatralmente, ela exercita a prática do “faz-de-conta” (previamente explicitado neste trabalho) e do brincar, em modo geral, e dessa forma amplia os conhecimentos sobre si mesma e sobre a realidade ao seu redor (JUNIOR & SANTOS, 2019).

A brincadeira é um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. Representa, desta forma, um acervo comum sobre o qual os sujeitos desenvolvem atividades conjuntas. (BORBA, 2006 p.28)

A inserção de jogos dramáticos em espaços de ensino, possibilitam ao sujeito – seja ele criança, adolescente ou adulto – a apropriação de diferentes papéis sociais, o que por sua vez viabiliza um leque de variadas experiências, a fim de concluir certa interpretação ou pensamento perante a prática estabelecida (PORTO & KAFROUNI, 2013). Conforme consta em um estudo⁸ de 2019 realizado na Universidade Estadual de Londrina (PR), o teatro “auxilia no desenvolvimento humano, ampliando a percepção e sensação do universo artístico e cultural”, bem como possibilita uma melhor compreensão da realidade social na qual o sujeito está inserido. Além disso, a pesquisa também ressalta a importância da linguagem teatral e os benefícios que ela traz para o indivíduo, desenvolvendo a oralidade, capacidade de improvisação, expressão corporal, sociabilidade, coletividade, autoconfiança e organização do pensamento.

Além de todos os benefícios previamente explicitados, Porto e Kafrouni (2013) concluíram em sua pesquisa que a inserção das crianças no âmbito teatral promove e estimula a interação social, um aspecto essencial no desenvolvimento humano, não somente entre indivíduos de mesma faixa etária, como também entre os professores dispostos a lhe apresentarem e inserirem neste espaço. Desta forma, a medida em que o teatro instiga aspectos como produção de sentido, significados, uso da linguagem, acesso a cultura, e elaboração de narrativas, pode-se afirmar que este espaço contribui significativamente no processo de construção da subjetividade, exercendo um papel transformador na realidade do sujeito (PORTO & KAFROUNI, 2013).

2.2. Estabelecendo vínculos, escrevendo afetos

⁸ Arte e educação: o teatro como recurso metodológico no trabalho pedagógico da alfabetização, organizado pelas professoras Marta Silene Ferreira Barros, Jaqueline Delgado Paschoal, e pelas pós-graduandas em educação Ana Letícia Ferreira e Priscila Cordeiro Soares Barros.

Eu sou estudante de teatro há quase tanto tempo que sou arte-educadora de teatro. Na verdade, não é tanto tempo assim, mas frequentemente vejo expressões de espanto quando digo que iniciei minha experiência na arte-educação há sete anos atrás. Nesse breve tempo, eu visualizei e aprendi universos⁹ totalmente diferentes, e assim como se aplica nas leis da física, eu tenho a plena consciência de que meu aprendizado continua expandindo-se, à medida que a minha confiança e paixão pelo meu trabalho também aumentam.

Através do projeto de extensão “Universidade Sem Fronteiras: Arte em Ação Sociocultural”¹⁰ coordenado pela professora Camila Bauer em 2017, iniciei minha experiência docente em um centro comunitário da cidade de Cachoeirinha, chamado Centro Infante-Juvenil Luís Itamar¹¹. As primeiras semanas, foram nada mais, nada menos do que caóticas. Era uma turma de quinze crianças, com idades diversas e energias intensas, as quais não possuíam muito interesse em concentrar-se numa oficina daquilo que nunca haviam visto, afinal, em nosso primeiro encontro, alegaram nunca terem assistido uma apresentação de teatro. Eu não sei exatamente o que eu pensava, mas em minha ingenuidade, acreditava que, se estava me propondo a fazer algo bom, as crianças também receberiam como algo bom, estreitando os nossos vínculos e formando assim, uma relação de autoridade, “professor ensina e manda - aluno aprende e obedece”. Eu estava eternamente enganada.

As crianças não gostavam da oficina, e aos poucos, iam desistindo de participar, tornando nossas interações cada vez mais distantes, até porque nos víamos somente uma vez por semana. Ao final de mais um encontro – visto por mim – fracassado, acendeu-se uma ideia: ao perceber que eu estava de bicicleta, um aluno perguntou se poderia andar com ela, e eu deixei. Quando subiu, deu várias voltas pelo pátio, mostrando sua habilidade com pequenas manobras e alternâncias de velocidade, até que uma das professoras-coordenadoras do espaço pediu-lhe para que me devolvesse a bicicleta. Então, parou ao meu lado, e debochadamente exclamou: “Vou levar a “bike” pra casa, tá? Semana que vem te devolvo!”. Eu respondi: “Tá bom! Até semana que vem!” e fui direcionando-me ao portão de saída, não sabendo exatamente o que estava

⁹ Ao expressar-me com a palavra “universos”, não me refiro literalmente ao macrocosmo, mas sim, ao conjunto de situações e elementos que fazem parte da área pedagógica.

¹⁰ Projeto de Extensão Universitária que buscava proporcionar a interação da arte produzida dentro da universidade, para as comunidades ou instituições que possuem difícil acesso ao teatro.

¹¹ O Centro Infante-Juvenil Luís Itamar foi criado em 1989, através da união de Luís Itamar e Anne Marie, que sonhavam com uma sociedade justa e igualitária, na qual crianças e adolescentes teriam acesso a tudo que possuem direito: cultura, educação e carinho.

fazendo, mas fazendo com convicção. Ele desceu da bicicleta, e a levou até mim sorrindo. Foi nesse momento que percebi que o estímulo da confiança era fundamental para o bom funcionamento da oficina. Eles não deveriam ceder suas confianças a mim, eu que deveria conquistá-las!

A partir desse momento, comecei a planejar nossos encontros com o propósito de conhecê-los e aprender sobre o que gostavam e queriam fazer. Houve momentos em que eu literalmente perguntei: “O que querem fazer hoje?”, e as respostas variaram desde jogar-se em um colchão (que estava na sala), a ouvir uma música feita de latidos – no momento, descobri a existência de uma série de vídeos nos quais, através de edição, faziam cachorros latirem harmonicamente. Também houve situações um pouco mais sensíveis, como a vez que solicitei trazerem de casa, uma foto ou objeto de alguém que amassem muito. Um dos alunos trouxe a foto de seu pai, e emocionou-se ao tentar contar que ele havia falecido. Esse momento me atravessou profundamente, pois apesar de estar passando por circunstância parecida – minha mãe havia falecido a pouco menos de um ano –, eu não soube expressar nenhuma palavra de conforto, porque também estava emocionada. As outras crianças, ao perceberem o silêncio que tomou conta da roda, começaram a contar histórias engraçadas para fazerem seu colega rir. Nós rimos bastante depois disso, e ao final do encontro, nos juntamos em um grande e primeiro abraço coletivo.

Em outra oportunidade, levei uma máquina fotográfica para a aula. Cada um tinha o direito de ficar alguns minutos com a câmera, e poderiam mexer no que bem entendessem, desde que registrassem o desenrolar das atividades. Foram 262 fotos tiradas sob a perspectiva das crianças, o que ao meu ver, nos aproximou ainda mais do conceito de confiança que eu estava buscando desenvolver – eles confiavam em mim pois percebiam que eu também confiava neles. Obviamente, ainda que eu buscasse estabelecer tais vínculos, não poderia dizer que todos os meus planejamentos de aula deram certo, afinal, era/sou uma estudante do bacharelado e tentava ofertar, para as crianças, jogos e exercícios aprendidos dentro da graduação, os quais muitas vezes, não possuíam métodos pensados particularmente para crianças. Nesse sentido, é importante afirmar: por mais que eu tenha experiências de docência, tenho plena consciência do quanto são fundamentais os estudos acerca da licenciatura, e que é a dedicação a essa pesquisa que determina a diferença entre professor e arte-educador.



Registro a partir do olhar de uma criança, Agosto de 2017.

Ao final daquele ano, provavelmente inspirada pela disciplina eletiva de texto dramático¹², propus que escrevessem ou contassem histórias criadas por eles mesmos. De início, não obtive uma boa aceitação, mas desenvolvendo a ideia aos poucos, em cada encontro, e sugerindo que escrevessem em duplas ou trios, consegui convencê-los ao dizer que transformaria suas histórias em roteiros para o audiovisual. Na época, não consegui, ou pelo menos não tentei encontrar recursos para que eles propriamente pudessem escrever suas histórias na estrutura de um roteiro, mas dei o meu melhor para tentar explicar o pouco que já sabia.

A atividade durou alguns encontros, e por causa disso, ou por causa da desajeitada proposta de exercício – a inexperiência causava isso –, houve algumas desistências. Nós utilizávamos lápis e papel, então os educandos escreviam (e desenhavam) conforme suas vontades, que variavam a cada encontro. Resumidamente, a atividade partiu da composição de uma narrativa, para a junção de personagens (propus juntar algumas histórias), para que dessa forma pudessemos pensar em diálogos e assim formar roteiros, os quais foram estruturados por mim.

¹² Em 2017, a professora Camila Bauer oportunizou, aos alunos do Departamento de Arte Dramática, uma disciplina eletiva intitulada Laboratório de Texto Dramático (a qual dois anos após, viria a se tornar obrigatória para os alunos da nova ênfase do bacharelado, a Escrita Dramatúrgica). Na disciplina, escrevíamos através de exercícios e técnicas a fim de desenvolver nossa escrita criativa e dramática.

No encontro em que levei seus roteiros, improvisamos as personagens que as próprias crianças criaram – haviam desde princesas e dragões, a carros e tomadas falantes –, demonstrando como suas imaginações eram além de criativas, diversas. Eu pensava em voltar a desenvolver esse trabalho no próximo ano, na expectativa de elevá-lo ao nível teatral, porém, com a mudança de alguns educandos, e com a alternância de seus interesses, acabamos por deixar os roteiros de lado, muito embora eu ainda os guarde, como lembrança de uma época de muito aprendizado, carinho e confiança. A seguir, compartilho alguns fragmentos desses roteiros criados pelos educandos da oficina de teatro, em 2017:

- *A Viagem de Carro e Flor*, Carlos, Rafaela e Vinicius

“[...]”

Flor está sentada no chão, chorando.

TIA-AVÓ: O que houve, Flor?

FLOR: Me machuquei com os espinhos, tia. Está doendo muito!

Flor estava ficando com o rosto muito rosado.

TIA-AVÓ: Preciso te levar ao médico! Como vamos fazer isso agora? Não tenho nenhum número de táxi.

FLOR: E Uber, a senhora tem, tia?

TIA-AVÓ: Será que dá pra pedir um por carta?

Flor começa a chorar muito. De repente as duas ouvem uma buzina. Era Carro.

CARRO: Licença... Está tudo bem? Estão precisando de alguma ajuda? De uma "mão na roda"?

TIA-AVÓ: Esta menina está passando mal. Se machucou muito com os espinhos da roseira... Será que você pode nos levar ao hospital?

CARRO: Claro! Entrem aqui, rápido!

A Tia-avó entrou dentro de casa, pegou uma garrafa de água, sua carteira e Flor no colo e dirigiu-se até o carro, sentando-se as duas no banco de trás. Carro começou a andar, mas logo parou.

CARRO: Ih! Deu ruim. Esqueci de me hidratar. Será que vocês poderiam descer e me dar uma "forçinha"?

FLOR: É sério isso?

TIA-AVÓ: Não tema, minha querida, comigo aqui não há problema. A tia já foi campeã nacional do concurso de empurrar carros sem gasolina.”

(pg. 3-4)

- *Era uma vez*, Geovana e Maria Luyza

“[...]

Luyza está de frente para um dragão. Ele tenta fazer contato, porém Luyza demonstra estar com pressa e sai andando rápido. O dragão a persegue.

DRAGÃO: Moça, não se assuste!

LUYZA: Eu não estou assustada não, amigo. Estou com pressa. Tenho um compromisso importante.

DRAGÃO: Não pode conversar comigo, um pouquinho?

LUYZA: Na volta, juro!

DRAGÃO: Mas é rapidinho! É que me aconteceu uma coisa e eu preciso muito de ajuda e...

Luyza já longe, grita.

LUYZA: Depois!

DRAGÃO: *(Suspira)* "Ah"..."

(pg. 2-3)

- **Pior pesadelo**, Andryus

“Duas tomadas, uma ao lado da outra.

TOMADA 1: Oi.

TOMADA 2: Oi... Te conheço?

TOMADA 1: Não.

Um tempo em silêncio.

TOMADA 1: Te amo!

TOMADA 2: Quê?!

TOMADA 1: Não.

TOMADA 2: Qual seu nome?

TOMADA 1: Tomada. E o seu?

TOMADA 2: Ota.

TOMADA 1: Ota?

TOMADA 2: Sim! Ota Tomada.

TOMADA 1: "Ah"...

Um tempo em silêncio.

TOMADA 1: Quer me dar um abraço?

TOMADA 2: Quero!

OFF - ALERTA VERMELHO! ALERTA VERMELHO! SUCO NA TOMADA!

COPO QUEBRADO, PIOR PESADELO...

FIM.”

(pg. 2)

2.3. Abordagens pedagógicas em prol da elaboração de textos

Em 2018, o desenvolvimento de histórias e a forma de abordá-las foram, de forma ou outra, os propósitos de meus encontros com os educandos. Alguns deles haviam saído da oficina, e os que continuaram estavam tornando-se adolescentes, o que transformou nossos encontros em verdadeiros desafios para mim – pais, mães e responsáveis de adolescentes, hoje eu entendo vossas dificuldades. Era especialmente difícil pois, quando em uma das aulas abraçavam os exercícios, na outra detestavam participar e queriam ficar, dentro da atividade de teatro, apenas conversando, enquanto eu ainda precisava conhecer os novos participantes, que em sua maioria, eram crianças com menos idades. Com o tempo, as crianças mais novas foram desistindo da oficina, permanecendo sete dos mesmos educandos do ano anterior, os quais no momento, eram pré-adolescentes, e falantes – muito falantes.

Eles gostavam de conversar sobre o que aconteceu na escola, sobre o que fizeram nos finais de semana, sobre o que viram na internet, novidades no modo geral, e tudo isso, de certa forma, reforçava quais seriam os tipos de exercícios que funcionariam para aquele respectivo grupo. Pensando nisso, e inspirada nas pesquisas acerca da prática de fotonovelas¹³, propus aos educandos que compusessem, em conjunto, uma história, projetando suas personagens, figurinos, visuais, diálogos e intenções. Produzimos uma sequência de imagens as quais, juntas, duram em torno de 4 minutos, e formam a narrativa de *O misterioso caso do Detetive Perry*, história desenvolvida totalmente por eles. Os meus métodos de aplicação do exercício foram:

- Roda de contação de histórias: cada um deveria continuar a narrativa que o colega anterior desenvolveu, a fim de valorizar as conexões e interpretações que os próprios descreviam;
- Definição e composição das personagens: quais seus nomes, seus objetivos, suas características principais e suas vestimentas, desenhando-as e depois escolhendo qual a representação de roupa seria mais adequada para a respectiva personagem;

¹³ Fotonovelas eram revistas as quais utilizavam-se de fotografias para compor uma história em sequência, assim como são as revistas em quadrinhos de hoje em dia. A primeira fotonovela publicada no Brasil, na qual atores representaram as personagens é de 1950, intitulada como “Invencível Amor”, baseada no romance de Walter Poliseño.

- Escolha das personagens: dividiram-se, democraticamente, para escolher quem interpretaria cada personagem;
- Composição de diálogos: como já podíamos utilizar de uma narrativa descrita pelos próprios educandos, sugeri que, em algumas situações, houvessem conversas ou pensamentos dentre as personagens, com a finalidade de explorar um pouco mais esse elemento dramático e influenciar suas interpretações perante os registros realizados. Os diálogos eram anunciados por eles, e escritos por mim, para que depois eu pudesse colocá-los na edição do trabalho;
- Realização da fotonovela: vestindo adaptações da indumentária a qual sugeriram para as personagens, os educandos foram interpretando movimentações de certas situações que constavam na história, a fim de registrarmos suas gestualidades em fotos, as quais depois seriam trabalhadas na edição da fotonovela;
- Visualização da fotonovela: por último, após uma primeira edição do trabalho, perguntei aos educandos quais seriam os sons ou trilha sonoras que seriam interessantes de serem adicionados ao trabalho. As sugestões variaram desde “sons de pássaros”, a “música de vitória” e “um funk¹⁴ legal”.

A seguir, apresento uma sequência de imagens a fim de ilustrar o trabalho realizado na oficina de teatro do Centro Infante-Juvenil Luís Itamar, no ano de 2018:

¹⁴ Funk carioca é um gênero musical popular brasileiro, de ritmos fortes e dançantes. No presente trabalho descrito acima, utilizamos a música “Cheguei”, da cantora e compositora Ludmilla.



“A caminho da escola”, *O misterioso caso do Detetive Perry*, 2018.



“Na escola”, *O misterioso caso do Detetive Perry*, 2018.



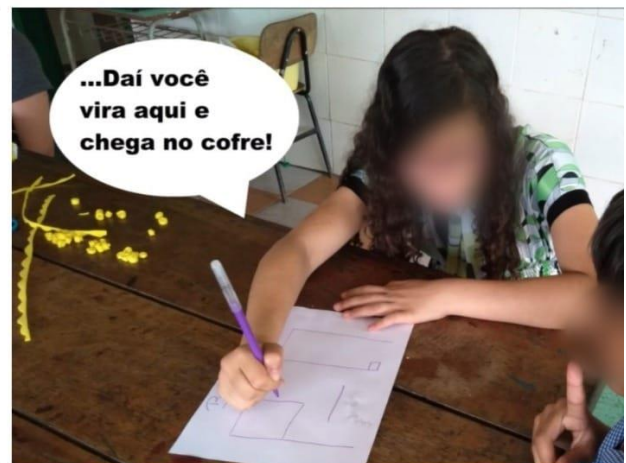
“Na direção da escola”, *O misterioso caso do Detetive Perry*, 2018.



“A investigação”, *O misterioso caso do Detetive Perry*, 2018.



“A resolução”, *O misterioso caso do Detetive Perry*, 2018.

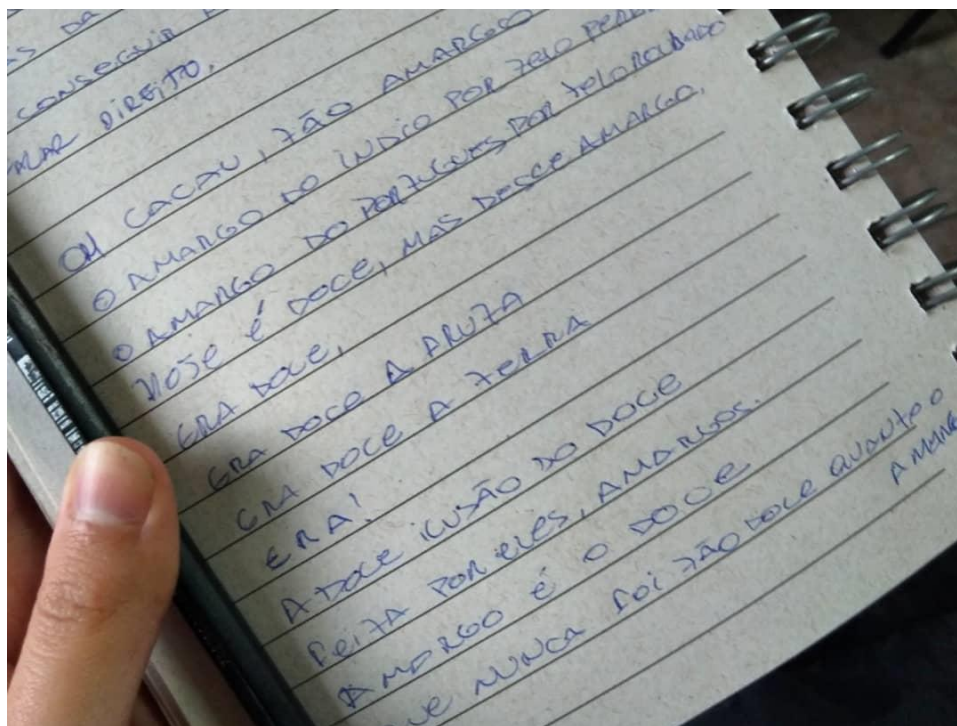


“O fim. Ou será que não?”, *O misterioso caso do Detetive Perry*, 2018.

O resultado positivo alcançado no trabalho descrito acima – além de participativos, os educandos demonstraram apreço pela atividade –, serviu como um estímulo para buscar novos métodos de desenvolvimento da escrita, e conseqüentemente, me encorajou a transformar meus conhecimentos em oficinas. No ano de 2019, com o objetivo de relacionar escrita criativa¹⁵ e

¹⁵ A escrita criativa é uma prática a qual utiliza-se da imaginação e da criatividade do sujeito para compor suas habilidades literárias. Ainda que seja diferente da escrita técnica ou escrita acadêmica, é uma forma de expressão que

teatro, elaborei uma oficina gratuita intitulada “Cre-acción”, na qual eu apresentava técnicas que auxiliassem na prática da escrita contínua e artística. Diferentemente do projeto realizado com os educandos de teatro, essa oficina não obteve sucesso expressivo. Possuía três participantes, e um deles era meu pai – que presenciou somente um encontro –, o que ocasionou uma rápida finalização do projeto. No entanto, essa experiência foi extremamente significativa para mim, e me possibilitou, semanas depois, realizar uma oficina de escrita criativa participante da Semana Acadêmica de Teatro¹⁶ da UFRGS, a qual naquele ano, possuía a proposta de organizar atividades culturais dentro de instituições de ensino público, tanto de Porto Alegre, quanto da Região Metropolitana.



Registro de escrita de um dos participantes da oficina, realizada em Outubro de 2019.

A atividade foi direcionada aos estudantes do 3º ano do ensino médio da Escola Técnica Marechal Mascarenhas de Moraes, e comportou aproximadamente 70 adolescentes (quatro turmas). Durante os 90 minutos disponibilizados ao andamento da oficina, foram realizados alguns jogos com o objetivo de exercitar a escrita de fluxo contínuo, isto é, o desenvolvimento

está sendo aprofundada e estudada nas academias do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, o qual é o único estado brasileiro que possui pós-graduação em Escrita Criativa, pela PUCRS.

¹⁶ A semana acadêmica de Teatro da UFRGS é um evento estudantil e anual que visa expandir conhecimentos dos graduandos dos cursos de teatro, geralmente através de palestras, oficinas e convenções academicistas.

de uma escrita em que não houvesse pausas e ressalvas. As propostas foram:

- Apresentação de si: em roda, cada participante falou seu nome, idade, comida predileta, e uma característica ou curiosidade incomum (de exemplo, disse a eles que eu tinha o costume de comer limão com sal);
- Primeiro exercício de escrita: após apresentações realizadas, solicitei que escolhessem quaisquer dos nomes, idades, comidas e características incomuns as quais foram verbalizadas anteriormente, e que construíssem uma pequena frase que relacionasse todos esses elementos. As frases geralmente possuíam teor cômico, o que auxiliava na manutenção de interesse dos participantes (eles queriam ouvir o que o colega havia escrito);
- Associação de ideias: depois da leitura das frases, realizamos um sorteio de palavras e situações. Basicamente, pedi para que escrevessem em pequenos e separados papéis, uma personagem (que poderia ser homem, mulher, animal, objeto, etc, desde que fosse protagonista do texto a ser escrito), um local (onde a protagonista estaria ou iria dirigir-se), e uma situação específica (problemática da história), para que após o sorteio, pudessem se inspirar nessas palavras para construir uma história em conjunto. Dependendo do tamanho da turma, os dividia em dois ou quatro grupos;
- Apresentação das escritas: após as histórias finalizadas, e a fim de manter o dinamismo da oficina, solicitei que em cada grupo houvesse um narrador, e dois a três atuantes, para que pudessem representar a história que haviam escrito. O fato dos colegas estarem dispostos a retratar as histórias desenvolvidas em grupo, fazia com que toda a turma voltasse a atenção para o que havia sido escrito, analisando e surpreendendo-se com as relações feitas entre personagem, local e situação.

Em resumo, minhas experiências profissionais acerca do teatro para crianças me fizeram compreender na prática, a importância que o desenvolvimento de histórias desempenha no sujeito, e como elas são fundamentais para estimular a imaginação, expressão corporal, expressão verbal e conseqüentemente, a habilidade de síntese nas narrativas geradas pela criança. Os textos dramáticos pensados para ou por elas, assim como a representação teatral feita por elas, auxilia na capacidade de aprimorar habilidades cognitivas e potencializa o discernimento crítico, tanto da criança, quanto do adolescente – ou até mesmo de um adulto –,

promovendo aspectos como autoconfiança, empatia, resolução de conflitos e compreensão de linguagem não verbal. É possível, que da união do meu aprendizado prático com o aprendizado teórico, tenha surgido a escrita dramaturgicada de *A Princesa Careca*, embora não fosse exatamente essa minha intenção inicial. Por isso, é necessário reconhecer que a minha convivência diária com crianças de diferentes idades, contribuiu como pesquisa de campo para o desenvolvimento de meu trabalho, me possibilitando autonomia suficiente para escrever um texto que possa ser acessado por pessoas de todas as idades.

3. UMA DRAMATURGIA PENSADA PARA CRIANÇAS

3.1. A escrita: memória e processo

A Princesa Careca foi uma dramaturgia inicialmente desenvolvida na disciplina Laboratório de Composição Dramaturgicada¹⁷ (2021), e que posteriormente continuou a ser escrita durante meu Estágio em Escrita Dramaturgicada, sendo apresentada como um espetáculo participante da 25ª Mostra DAD¹⁸ do Departamento de Arte Dramática da UFRGS. A escrita que, primariamente seria uma homenagem, tornou-se um aglomerado de intenções: representou minha infância; a infância – imaginada – de minha mãe; a forma como vejo meus pais; memórias vivenciadas; memórias criadas; minha relação com arte-educação e principalmente meu olhar às crianças, fossem elas pequenas ou adultas, as quais moraram em meus pensamentos e enriqueceram meu trabalho, transformando o que era “meu” em “nosso”.

Na perspectiva foucaultiana, a *prática de si* é a noção de narrativa sobre si mesmo, na qual o indivíduo utilizará de técnicas para refletir suas experiências e subjetividades, a fim de constituir-se como sujeito, para alcançar “[...] certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou

¹⁷ Disciplina com o objetivo de realizar exercícios de composição dramaturgicada; assim como também desenvolver análises de textos; noções de tempo/espaço/ação; composição de personagens; e escrever através de reflexão individual.

¹⁸ A Mostra DAD é uma ação de Extensão do Departamento de Arte Dramática da UFRGS que consiste em apresentar, de forma pública, os espetáculos de Estágios de Atuação, Direção e Escrita Dramaturgicada do Curso de Bacharelado em Teatro, assim como também a Montagem das apresentações de pesquisas de TCCs dos estudantes do curso de Licenciatura em Teatro. A Mostra DAD acontece desde 1997, e no ano de 2023 apresentou a sua 25ª Mostra.

imortalidade (FOUCAULT, 1990). Quando decidi escrever sobre uma personagem familiar, não possuía a intenção de escrever sobre mim, mas sim sobre minhas memórias, com o propósito de externalizar quem foi minha mãe. Entretanto, ao acreditar estar compondo sobre recordações do outro, na verdade, estava produzindo uma narrativa sobre mim, baseando-me em informações da realidade para escrever ficcionalidade, e, com isso, sendo construída ao mesmo tempo em que as construía¹⁹. De certa forma, ao elaborar a protagonista Nique inspirando-me em minha mãe, conseqüentemente acessei recordações da infância e escrevi não só sobre mim, mas também sobre algo comum a todos nós: a pureza do brincar com a imaginação, gerando identificação com quem tanto lia a dramaturgia, quanto prestigiava a cena.

No entanto, escrever sobre a própria infância não é escrever sobre infâncias de um modo geral. Para atingir essa “identificação” – a qual exerce função diferente dependendo do gênero, cultura e idade do espectador –, foram pensadas abordagens e metodologias para que, além de desenvolver a escrita, eu pudesse ter acesso a memórias e objetos afetivos de ordem comum. A fim de exemplificar completamente os métodos e observações realizadas durante o processo de escrita, farei uma análise de cada cena inspirada nos métodos de análise ativa de Stanislavski²⁰. A intenção, neste capítulo, não é a de estudar o sistema desenvolvido pelo diretor, mas sim utilizar de suas perspectivas teóricas para compor a minha própria reflexão em cima de meu trabalho. Dessa forma, utilizarei conceitos como: objetivo da autora; circunstância principal da cena; objetivos das personagens; e a construção de camadas, as quais intitulo como “plano do palco” (quando a camada refere-se ao que está acontecendo em cena), “plano fabuloso” (referindo-me ao que pensam as personagens), e “plano oculto” (referindo-me a alguma situação específica de inspiração, mas que não necessariamente é mencionada em cena). Estas três últimas não necessariamente aparecerão em todas as cenas, sendo mencionadas somente quando estiverem presentes.

3.1.1. Em análise: CENA I, apresentando o contexto em que vive a princesa

Resumidamente, *A Princesa Careca* conta a história de Nique, uma criança que almeja

¹⁹ Referência ao capítulo “Memórias (d)e infância: nos rastros da narrativa, a produção de si mesmo”, escrito por Milene dos Santos Compagnon e Fabiana de Amorim Marcello. Disponível no livro: Para pensar a educação infantil: políticas, narrativas e cotidiano, organizado por Jane Felipe, Simone Santos de Albuquerque e Luciana Vellinho Corso.

²⁰ A análise ativa de Stanislavski é um método de estudo utilizado por diretores e atores para aprofundar-se no contexto e objetivo do texto dramático, além de ser usado para explorar as situações e emoções pelas quais as personagens passam.

sair do castelo onde mora pois já leu todos os livros de sua biblioteca. Após uma conversa com sua mãe, a qual lhe promete pensar sobre o pedido de “viver aventuras fora do reino”, Nique imagina um mundo de possibilidades, vivendo experiências inspiradas pelos livros e histórias que conhece. Na narrativa, é acompanhada por Rico, a personificação de seus pensamentos subjetivos (os quais não necessariamente estão atualizados ou condizem com a idade da personagem, buscando evidenciar a evolução de seu discernimento crítico perante a ideias e/ou situações as quais presencia), e “três seres imagéticos”, os quais fazem alusão às suas emoções e propriamente são elementos de sua imaginação (ora exercendo função emocional, ora transformando-se em personagens de cena). Ao longo de sua jornada, Nique depara-se com anseios e incertezas ainda não muito bem desenvolvidas em seu interior, e é com o entendimento e afirmação de certos valores (tais como confiança, reflexão e amor), que a personagem compreende um pouco mais de si, e um pouco mais sobre a sua mãe, refletindo fundamentalmente na relação sentimental entre as duas.

Objetivos da autora: Na primeira cena, além de apresentar o universo de “conto-de-fadas”, era importante evidenciar as vontades de Nique, utilizando de seus conhecimentos adquiridos, através dos livros, para intensificar o seu interesse em sair do reino. Ao comentar sobre diferentes formas da natureza, ou convidar o espectador a pensar países diversos, a protagonista aproxima-se do ideal de que toda criança é entusiasta daquilo que desenvolve o seu potencial imagético. Ainda nessa cena, era importante estabelecer o motivo pelo qual Nique não poderia sair de sua casa, ao mesmo tempo em que era igualmente importante demonstrar, com certa prudência, quais as razões da personagem Mãe para não autorizar a saída de sua filha.

Circunstância principal da cena: Nique, ao afirmar ter lido todos os livros da biblioteca, solicita à sua Mãe, sair do reino onde moram, para assim poder viver aventuras além das quais conheceu nos livros.

Personagens: Nique, 12 anos, sem cabelos. Veste blusa rosa e uma jardineira jeans estilizada, a fim de contrapor a ideia de que princesas vestem-se somente com vestidos do “ideal feminino”; Mãe, 35-40 anos. É carinhosa e preocupada com sua filha, características essas que são retratadas além dos diálogos, como por exemplo, o momento em que entrega a “ervilha” (remédio) para Nique, ou a convida para que escolham e leiam juntas algum dos livros da

biblioteca; Três seres imagéticos, idade indefinida, gênero indefinido. Na presente cena, são responsáveis por demonstrar as emoções e/ou sensações que passam-se na mente de Nique.

Objetivos das personagens: Nique: convencer a sua mãe a deixá-la sair do reino, para que dessa forma possa viver aventuras diferentes das lidas em seus livros; Mãe: Proteger e cuidar de sua filha, escutando o pedido da própria, ao mesmo tempo em que qualifica a sua responsabilidade perante a ela; Três seres imagéticos: não possuem objetivos específicos, pois representam a extensão das vontades, emoções e objetivos de Nique.

Camadas presentes:

Plano do palco: refere-se aos diálogos e movimentações descritas na dramaturgia para as personagens Nique e Mãe;

Plano fabuloso: mesclando-se com o “plano do palco”, o plano fabuloso refere-se às movimentações descritas para os “seres imagéticos”, uma vez que, os mesmos aparecem a partir do momento em que Nique anima-se com a ideia de viver aventuras;

Plano oculto: para escrever a primeira cena, utilizei o argumento de que Nique passava por um tratamento de saúde minucioso, o qual a impedia de sair do local em que estava para não agravar a sua situação. Isso explica alguns pontos da cena e da dramaturgia:

- o fato de Nique ser careca, afinal, tratamentos como a quimioterapia podem causar quedas de cabelo;
- o momento em que a personagem Mãe entrega para Nique um pequeno pote com “ervilhas” e um copo de água. Na dramaturgia, é o que instiga a mãe a contar a velha história da “princesa e a ervilha”, na intenção de demonstrar o quanto Nique acha entediante fábulas com ideias ultrapassadas. No plano oculto, é o momento em que a personagem precisa tomar seus remédios, aos cuidados de sua mãe;
- o “reino” sendo uma alusão ao espaço de tratamento de Nique, e por isso a vontade de sair dele.

Apesar de serem perspectivas pensadas para o desenvolvimento da história, foi uma escolha dramática não acentua-las, possibilitando certa liberdade de interpretação para quem possa vir a ter conhecimento sobre a dramaturgia. Isso proporcionou relatos diversos da parte de

espectadores, que prestigiaram as apresentações de *A Princesa Careca*, tanto dentro da Mostra DAD, quanto dentro da Mostra TPE²¹.

3.1.2. CENA II: como devem pensar as princesas?

Essa foi a primeira cena que escrevi em *A Princesa Careca*. Inicialmente, a minha intenção era construir questionamentos acerca das fábulas ditas infantis, as quais, na maioria das vezes, apresentam ensinamentos equivocados para as crianças. Em uma primeira versão – eu diria, um rascunho –, escrita na disciplina de Escrita Dramatúrgica²² (disciplina anterior a qual a dramaturgia foi de fato desenvolvida), encontrei dificuldades de elaborar um diálogo condizente com a idade proposta para a protagonista, pois o meu desafio não era amadurecer a personagem – já que tratava-se de críticas ambientadas no “mundo adulto” –, e sim adaptar esses questionamentos para serem processados e expressados ludicamente por uma criança, com a finalidade de abordar a crítica, mas não explicá-la.

Segundo Carneiro Neto (2003), um dos erros mais comuns cometidos nos palcos de teatro para crianças é o excesso de intenções didáticas: “Arte é feita de alegorias, de metáforas. Estranheza é saudável. [...] É função da arte fazer pensar, não facilitar em nada em nome do sucesso de mercado, do senso comum...”. Era justamente a minha disposição em explicar o que estava errado nas fábulas que tornavam o diálogo aborrecedor, e para evitar isso, decidi buscar um tom cômico nas falas de Nique.

RICO: Porque a princesa Aurora conquistou a sua coroa assim! Ela foi enfeitada para dormir por vários e vários anos, até que um príncipe que estava de passagem resolveu adentrar na torre em que ela estava adormecida, e ao vê-la tão bela dormindo, lhe deu um beijo, o que a acordou e fez com que eles se casassem e vivessem felizes para sempre!

NIQUE: Eca! E ele nem a acordou antes pra ela escovar os dentes? Deve ter sido um beijo com bafo de onça!

RICO: Ah, mas isso não importa! O que importa é o amor!

NIQUE: Realmente, o bafo de onça não importa tanto, mas também não é o

²¹ Mostra TPE - Teatro, pesquisa e extensão é um projeto de extensão universitária que visa proporcionar uma mostra de teatro acessível e gratuita à comunidade, apresentando trabalhos produzidos pelos estudantes e pesquisadores de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²² Disciplina com o objetivo de instrumentalizar o estudante para a criação de escrita dramatúrgica, utilizando-se de elementos de estudos da escritura contemporânea.

amor o que mais importa...

RICO: Não?

NIQUE: Claro que não! Pelo menos não nesse caso! O que mais importa é: Ele devia ter perguntado para ela se ela queria o beijo!

RICO: “Er”, como assim?

NIQUE: Ele deveria tentar acordar a princesa... Como é o nome mesmo? Enfim, essa moça adormecida! Ele deveria ter acordado-a e perguntado! Não se pode chegar assim, beijando as pessoas...

RICO: Mas, mas essa é a história dela/

NIQUE: Isso é meio estranho, não acha? Era melhor ter comprado um despertador e dado de presente para ela. Daí ela poderia usar sempre!
(*A Princesa Careca*, p. 7)

Nique compreende as problemáticas das fábulas mencionadas nos diálogos, e indaga, à sua maneira, sobre a falta de consentimento das protagonistas das histórias, que assim como ela, são personagens femininas, são princesas, são jovens. Em meu imaginário, ainda que não seja retratado na dramaturgia, Nique possui essa consciência pois, em algum momento de leitura compartilhada com sua mãe, conversaram sobre respeito e assentimento, uma vez que, é de extrema importância para a segurança de uma criança que ela saiba que possui direito sobre seu corpo e imagem, e que ninguém pode tocá-lo a ponto de interferir em sua integridade.

Objetivos da autora: Ao inserir um novo personagem à trama, meu objetivo era escrever diálogos um pouco mais complexos, os quais necessitavam de certo discernimento crítico para serem acompanhados. Além disso, houve uma potencialização da motivação de Nique para sair do reino, pois a partir dessa cena, sua vontade não dependia somente de viver aventuras, mas também de buscar uma coroa.

Circunstância principal da cena: Ao perceber que Nique ainda não havia vivenciado sua “aventura de conquista da coroa”, Rico a convida a escrever sua jornada de princesa, assim como um “conto-de-fadas”.

Personagens: Nique; Rico, idade indefinida, gênero indefinido. Usa vestes inteiramente verdes, e é caracterizado por ser acelerado e um pouco ansioso. Será o companheiro de Nique em quase todas as cenas, auxiliando a estabilizar as emoções da protagonista, já que também é um personagem imaginário.

Objetivos das personagens: Nique: assim como na primeira cena, seu objetivo continua sendo sair do reino, o que até então parecia ser um desejo atendido; Rico: buscar a princesa daquele castelo.

Camadas presentes:

Plano do palco: refere-se aos diálogos e movimentações descritas na dramaturgia para os personagens Nique e Rico;

Plano fabuloso: desde o momento em que Nique arruma-se para desenhar, ainda na primeira cena, o “plano fabuloso” destaca-se perante os outros. As cenas seguintes também desenrolam-se dessa forma, porque a personagem de Rico, na verdade, também é um fruto da imaginação de Nique, embora essa informação seja garantida somente ao final da dramaturgia.

Plano oculto: acredito que nesse plano possamos considerar minhas reflexões sobre os ensinamentos que as fábulas passam para as crianças. Além disso, também gostaria de mencionar duas perspectivas usadas em relação ao personagem de Rico, uma delas sendo trazida por mim, e a outra pelo ator Luiz Borges, que representou o personagem nas apresentações realizadas:

- O personagem Rico foi escrito em homenagem ao meu pai, um homem trabalhador, e talvez por esse motivo, um pouco acelerado. Em quase toda vida, meu pai dedicou-se à profissão de caminhoneiro, observando mais o crescimento das estradas “Brasil afora”, do que propriamente o desenvolvimento de seus filhos. Entretanto, isso nunca foi um empecilho: meu pai fazia-se presente através de suas histórias, brincadeiras e ensinamentos. Conforme fui crescendo, algumas de nossas visões de mundo tornaram-se diferentes – embate clássico de gerações –, mas da mesma forma que eu o escutava, ele me ouvia, possibilitando às nossas discussões, um momento de aprendizado e confiança. Rico o representa por ser um personagem espirituoso, que não vê problemas em conscientizar-se dia após dia, e dessa forma, sendo rico de coragem, confiança e esperança, valores os quais Nique – tanto a personagem, quanto a pessoa que a inspirou – sempre apreciou.
- Em um ensaio realizado em Dezembro de 2022, propus aos atores um exercício de improvisação no qual deveriam apresentar características externas – isto é, que não estejam descritas na dramaturgia – ao seus personagens, a fim de desenvolvê-los, tanto

na atuação quanto na escrita. A atriz Natália Izaguirre apontou a ideia de que Nique interessava-se por esportes radicais, o que de certa forma influenciou na construção da personagem, uma vez que, em cena ela demonstrava possuir muita energia, enquanto na escrita, expressava-se através de falas como: “A mamãe até fala que eu deveria dormir mais um pouquinho, mas eu fico muito agitada aqui dentro do castelo, e essa agitação reverbera no meu corpinho e então preciso levantar e procurar algo pra fazer...” (*A Princesa Careca*, p. 7). O ator Luiz Borges, por outro lado, apresentou a motivação pela qual ele surge na escrita, buscando a princesa do castelo. Em sua definição, Rico é um “coach de princesas”, o qual auxilia princesas de variados reinos a conquistarem sua coroa, através de aconselhamentos, orientações e treinamentos. Seu maior objetivo é tornar-se o melhor “coach” de princesas já existente, sendo indicado ao “Guinness Book da realeza”. Isso explicaria a sua agitação, e seu pequeno desdenho ao perceber que Nique não veste-se ou comporta-se como outras princesas. Em uma breve reflexão, se a dramaturgia mudasse de perspectiva na intenção de descrever a história de Rico, ele também passaria por uma jornada de autoconhecimento, visto que, ao acreditar saber como as princesas devem portar-se, encontraria-se com Nique e descobriria um mundo de possibilidades distintas, desgarrando-se da ideia de que necessita limitar ou “qualificar” outra pessoa, possuindo assim, mais tempo para descobrir-se, na intenção de ser um personagem que não tenha a profissão como única característica.

3.1.3. CENA III: representando o “faz-de-conta” a partir da literatura

A terceira cena, tanto no texto quanto na interpretação, representa o universo diverso e criativo que as brincadeiras de “faz-de-conta” possibilitam ao indivíduo, principalmente se ele for uma criança. Para escrevê-la, utilizei como inspiração, lembranças e momentos os quais observava crianças brincando, principalmente após terem contato com alguma forma de contação de histórias. Elas tomavam para si, elementos e circunstâncias da narrativa, e a partir disso, compunham suas brincadeiras, as quais geralmente diferenciavam-se um pouco da história inicial, pois estabeleciam acordos para compreender a idealização de cada um. Em suas brincadeiras, utilizavam objetos e modificavam suas funções – o bambolê virava triciclo, o prendedor virava avião – e isso potencializava ainda mais a criatividade das crianças (principalmente nas aulas de teatro, as quais tinha e tenho contato com elas). Pensando nisso, a

personagem Nique representará, através de suas ações, a imaginação a ser desenvolvida pela criança através de instigantes, como a leitura e objetos variados, como por exemplo o baú, que ao mesmo tempo que é assento, é torre e barco também.

Para que uma determinada brincadeira funcione verdadeiramente como um estímulo para a criança, é necessário que ela tenha despertado o seu interesse e que seja desafiadora. O interesse da criança está diretamente ligado à sua capacidade de compreensão dos objetivos a que a brincadeira se propõe e das regras a serem respeitadas; (SANTOS, 2017, p. 110)

Objetivos da autora: Nesta cena, o objetivo é demonstrar as possibilidades de brincadeiras através da imaginação influenciada pelos livros, bem como trazer maiores referências a histórias, filmes e elementos da cultura pop que serviram de inspiração para a escrita, de forma a cativar o público e aproximá-lo da narrativa.

Circunstância principal da cena: Quando Nique é convencida de que pode se inspirar nos livros que leu para buscar a sua coroa, partindo então em sua tão esperada aventura de conquista da mesma, juntamente de Rico.

Personagens: Nique; Rico; Três seres imagéticos.

Objetivos das personagens: Nique: viver sua aventura de conquista da coroa; Rico: incentivar Nique a inspirar-se através dos livros que estavam na biblioteca; Três seres imagéticos: auxiliar e incentivar Nique a compor sua própria jornada através das histórias dos livros, inclusive entregando o primeiro livro para que ela pudesse se inspirar.

Camadas presentes:

Plano do palco: refere-se aos diálogos e movimentações descritas na dramaturgia para as personagens Nique, Rico e Três seres imagéticos, além das interações pensadas para o espectador;

Plano fabuloso: Na presente cena, destaca-se a música (composta especialmente para a dramaturgia) interpretada por Rico e os Três seres imagéticos para, dessa forma, encantar e inspirar Nique a brincar a partir de passagens conhecidas de livros. Além disso, o baú transformado em barco, e elementos como “piratas”, “remo” e a “luneta”, ilustram as brincadeiras de “faz-de-conta”, as quais auxiliam as personagens a compor a cena, junto das referências de livros e filmes utilizados, tais como: *One Piece* (1997), *O Pequeno Príncipe* (1943), *Pippi*

Meialonga (1945) e *Lilo & Stitch* (2002).

3.1.4. CENA IV: a cena das estrelas

A quarta cena, ou a cena das estrelas, foi desenvolvida com a finalidade de introduzir à narrativa, um momento de reflexão sobre o que são os interesses, e quais são as prioridades de Nique, traçando uma breve diferenciação entre seu objeto de busca – tanto sair do reino, quanto encontrar a coroa –, e o que de fato ela necessita para alcançar seus objetivos: reflexão, confiança e cuidado. Para isso, utilizei o imaginário da constelação de estrelas popularmente conhecida como “três marias”, as quais, por serem “astros” que permanecem fora da órbita da Terra, poderiam ter conhecimento tanto do presente, quanto do passado e do futuro. Através dos diálogos e das interações pensadas para serem feitas com os espectadores, compreendemos que, muito provavelmente elas não saibam sobre informações ou previsões do mundo terreno, mas sim, possuem entendimento sobre os valores internos e a importância de suas compreensões para obter crescimento pessoal e assim atingir seus objetivos.

Objetivos da autora: O principal objetivo da cena trata-se de expressar os valores de autocuidado, reflexão, amor e confiança, através de diálogos simples, cômicos e interativos com os espectadores.

Circunstância principal da cena: Quando as estrelas dizem, de forma poética, como Nique conseguirá encontrar sua coroa. Isso causará na protagonista, um efeito de desentendimento de suas próprias emoções, precedendo os questionamentos acerca do sentido de sua jornada da próxima cena.

MARIA ESTELA: Nós já encontramos a resposta!

NIQUE: Oba! Oba! 20 mil obas! Me fala, onde está minha coroa?

MARIA VALÉRIA: Se o seu desejo não está à vista, é necessária organização. Para que haja uma conquista, sempre deverá existir uma reflexão!

MARIA ROSA: É importante que a cachola e a barriga estejam funcionando bem, mas o que nos leva para frente, é ouvir aquilo que todo mundo tem!

MARIA ESTELA: Não se trata de objetos e riquezas, porque isso é passageiro! Trata-se de amor e confiança, que deve nos tomar por inteiro.

MARIA VALÉRIA: Imagino que já tenha decifrado, mas falaremos em alto e bom tom:

AS TRÊS MARIAS JUNTAS: A resposta de sua pergunta encontra-se dentro de seu coração!

NIQUE: (*Confusa*) O que? Como assim dentro do meu coração?

Um barulho estranho toma a cena, as personagens desequilibram-se.
(*A Princesa Careca*, p. 14)

Personagens: Nique; Rico; Maria Estela, 800 anos (referência a distância anos-luz da Terra), a irmã mais nova. Veste blusa azul, saia brilhante e esvoaçante nas cores rosa, roxa e azul, e possui um óculos em formato de estrela. Caracterizada por ser, entre as irmãs, a que se distrai facilmente; Maria Rosa, 1.239 anos (referência à distância anos-luz da Terra), a irmã do meio. Veste blusa lilás, e saia brilhante e esvoaçante, e óculos em formato de estrela, assim como Maria Estela. Caracterizada por ser, entre as irmãs, acelerada e “respon dona”, possuindo na ponta da língua, as respostas “mais rápidas de todas as constelações”; Maria Valéria, 1.340 anos (referência a distância anos-luz da Terra), a irmã mais velha. Veste-se de forma parecida às irmãs, porém, utiliza uma blusa na cor rosa. Caracteriza-se, entre as irmãs, como a mais organizada e sábia.

Objetivo das personagens: Nique: solicitar alguma dica para encontrar sua coroa; Rico: acompanhar Nique em sua jornada; Três Marias: apesar de encontrarem-se com a dupla de viajantes, os objetivos delas são sair do céu da boca da baleia.

Camadas presentes:

Plano do palco: refere-se aos diálogos e movimentações descritas na dramaturgia para as personagens Nique, Rico, Maria Estela, Maria Rosa e Maria Valéria, além das interações pensadas para o espectador;

Plano fabuloso: Nesse momento, ainda que saibamos somente ao final da cena, as personagens estão dentro da boca de uma baleia - ou melhor, dentro do céu da boca de uma baleia -. Essa é uma brincadeira em que utilizo o modo de expressão popular para justificar o motivo das estrelas estarem em um local diferente. Além disso, a cena remete a fábula amplamente conhecida chamada *Pinóquio* (1883), e também faz referência a um conjunto de falas famosas do anime²³ *Pokémon* (1997), as quais geraram identificação imediata, tanto com o jovem, quanto com o público adulto.

²³ Animação de origem japonesa.

ESTELA: [...] Permita que a gente se apresente: “Para proteger o mundo da devastação...” (Referência ao lema da Equipe Rocket de *Pokémon*)

MARIA ROSA: “Para unir todas as pessoas da nossa nação!” (Referência ao lema da Equipe Rocket de *Pokémon*)

MARIA VALÉRIA: Para estender nosso poder às estrelas...” Maria Valéria! (Referência ao lema da Equipe Rocket de *Pokémon*)

MARIA ROSA: Maria Rosa!

MARIA ESTELA: E Maria Estela!

AS TRÊS MARIAS JUNTAS: As Três Marias decolando juntas na velocidade da luz! (*Fazem uma pose em conjunto*)
(*A Princesa Careca*, p. 12)

Plano oculto: a ideia de desenvolver uma cena utilizando-se do imaginário do cinturão de Orion²⁴, surgiu de uma memória particular. Quando eu era criança, meu pai, antes de embarcar no caminhão para seguir trabalhando, me dizia: “se sentir saudades de mim, olhe para as Três Marias no céu, que nesse momento estarei pensando em ti também”. Isso me marcou tanto, que até hoje, quando estou fora de casa à noite, procuro as estrelas para pensar nele, e foi em um desses momentos que considerei adicionar essa cena na dramaturgia de *A Princesa Careca*. Além disso, os nomes Maria, Estela, Rosa, e Valéria são os nomes das mães de alguns dos integrantes que participaram como equipe durante as apresentações na Mostra DAD e Mostra TPE, a fim de valorizar as relações significativas que meus colegas possuem com elas.

3.1.5. CENA V: o desenvolvimento emocional da princesa

A quinta cena, além de auxiliar na demonstração de transição das emoções e pensamentos de Nique – afinal, algo ou alguém está amadurecendo –, também busca aprofundar as inseguranças da protagonista, representando que uma frustração mal trabalhada, pode acarretar na perda de imaginação de uma criança. Nesse contexto, utilizando-se da afirmação de que a criança aprende através de representações lúdicas, se não houvesse um desenvolvimento posterior a essa cena, isto é, se a dramaturgia finalizasse sem a resolução deste conflito, hipoteticamente nossa

²⁴ Cinturão de Orion é a nomenclatura científica dada a posição de estrelas que fazem parte da Constelação de Orion.

protagonista não desenvolveria suas habilidades emocionais, o que por sua vez, interferiria no seu intelecto racional.

As habilidades relacionais e emocionais são fundamentais para o equilíbrio do ser humano e não apenas as resultantes da inteligência, racional, intelectual. É necessário, na educação, harmonizar a emoção e a razão, de forma que se apoiem mutuamente, a emoção dando calor à razão, que, por sua vez, oferecerá entendimento ao sentimento, evitando sempre a permanência em uma única vertente da realidade. (OLIVEIRA, 2013, p. 125)

Objetivos da autora: Demonstrar os anseios da personagem Nique, a qual chateia-se por acreditar que todas as suas aventuras se passarão no ambiente da imaginação.

Circunstância principal da cena: Nique, ao estar frustrada pelo fato de ter que buscar a “coroa” em seu “coração”, decidirá romper com a decisão de continuar a jornada, desentendendo-se assim, com Rico.

Personagens: Nique; Rico.

Objetivo das personagens: Nique: ao estar confusa, não possui objetivo definido, mas acredita que deve parar com sua busca pela coroa; Rico: tentar acalmar e convencer Nique de que podem continuar aventurando-se.

Camadas presentes:

Plano do palco: refere-se aos diálogos e movimentações descritas na dramaturgia para as personagens Nique e Rico.

Plano oculto: Nesta cena, o plano oculto define-se pela falta do plano fabuloso, uma vez que, ao não querer mais viver sua aventura, Nique pede para Rico ir embora, e isso torna-se uma demonstração intencional de que Nique não está mais imaginando.

3.1.6. CENA VI: a cena da floresta

A sexta cena, ou a cena da floresta, foi uma escrita e apresentação repleta de significados. Diferentes espectadores relataram variadas interpretações pessoais, principalmente acerca da representação da Mãe Natureza, o que culminou na escolha do tema “maternidade e parentalidade” da roda de conversas realizada após a última apresentação na Mostra TPE, com a professora e mestra Tatiana Terragno²⁵, nossa debatedora convidada. Durante a conversa, foram abordados assuntos como: demandas excessivas direcionadas às mães; exclusão ou invisibilização de mães nos espaços acadêmicos e profissionais; e principalmente uma sobrecarga de expectativas voltadas a maternidade, pois em um consenso geral, diferentemente do que é sobreposto para a paternidade, as mães não podem errar.

Acredito que essa cena tenha um impacto muito importante para a dramaturgia do texto, e que possui potencial para ser ainda mais desenvolvida, visto que, a personagem Mãe aparece poucas vezes, e que é uma personagem extremamente importante para nossa protagonista, além de ter gerado uma identificação muito positiva com as mães que assistiram ao espetáculo.

NIQUE: [...] Eu quero tanto viver experiências novas, desafios novos... Mas ao mesmo tempo, tudo que não conheço me deixa um pouco assustada! Eu não imaginava que uma viagem como esta me deixaria com mil dúvidas, e sobre minha mãe... Estou com medo de decepcioná-la, medo de comprovar que talvez eu nunca esteja pronta para sair de casa!

MÃE NATUREZA: (*Tranquilizando-a*) Compreendo como se sente, e compreendo como a pessoa que lhe cuida sente-se também. É muito provável que a intenção dela nunca foi lhe impedir de nada que possas alcançar, e se você conversar com ela, vai perceber que muito provavelmente ela esteja, assim como você, descobrindo-se, com suas dúvidas e inseguranças. Isso quer dizer que, muitas vezes ela também está tentando, e aprendendo a cada dia que passa. (*A Princesa Careca*, p. 17-18)

Objetivos da autora: Apresentar uma conversa íntima de Nique, com a representação de sua “mãe interior”, a Mãe Natureza. É nesta cena em que a protagonista expõe verbalmente seus anseios, e a Mãe Natureza lhe acolherá, aconselhando-a a conversar com sua mãe, e dessa forma, também compreendê-la.

Circunstância principal da cena: Quando a Mãe Natureza, juntamente das árvores, tranquilizam Nique e a aconselham em relação aos seus sentimentos e confusão interna.

²⁵ Tatiana Terragno é mestra e doutoranda em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, e apresenta a pesquisa “Maternidade, Docência e Educação Física: Impactos dessas experiências construídas na formação inicial, na formação permanente e no trabalho de professoras da educação básica e do ensino superior no Rio Grande do Sul”.

Personagens: Nique; Rico; Mãe Natureza, idade indefinida. Usa um vestido com recortes de tecido e linhas que remetem a elementos da natureza. Caracteriza-se por ser tranquila, e por “cuidar de tudo que há no mundo”; Árvores irmãs, idades indefinidas. Usam vestes que remetem a árvores e folhas. Compreende-se que são crianças, e por isso estão acompanhando a Mãe Natureza.

Objetivo das personagens: Nique: verbalizar suas emoções e sentimentos, a fim de encontrar auxílio para sua reflexão; Rico: Endossar a fala da Mãe Natureza, bem como acompanhar sua amiga neste encontro para reforçar sua relação com a imaginação; Mãe Natureza: Servir como guia para reorganizar os sentimentos de Nique, realizando o seu papel de mãe; Árvores irmãs: Auxiliar e acompanhar a Mãe Natureza, compreendendo a situação que vivenciaram, como uma espécie de aula emocional.

Camadas presentes:

Plano de palco: Refere-se aos diálogos, movimentações e coreografia descritas na dramaturgia para as personagens Nique, Rico, Mãe Natureza e árvores.

Plano fabuloso: A entrada da coreografia, assim como as novas personagens que inserem-se na dramaturgia, representam que Nique está voltando a imaginar, mas que no momento, o que toma a frente são as suas emoções.

Plano oculto: O fato de ser uma cena em que uma mãe e uma filha conversam sobre sentimentos, por si só, já revela muito sobre as circunstâncias às quais gostaria de ter vivenciado com minha própria mãe. A temática da floresta, ilustra de forma poética, o que eu quis dizer em uma parte desse texto escrito em Setembro de 2022:

[...]

É porque bem na verdade, as linhas de tempo nunca foram planas, e sim um emaranhado de voltas.

Como a terra dando voltas ao redor do sol, e girando sobre seu próprio eixo, sempre fará sentido darmos voltas em nossos pensamentos, olharmos o passado e o presente, para que dessa forma, possamos entender um pouco mais o futuro.

Quase nada é naturalmente plano, por que nossas vidas haveriam de ser?

Árvores criam raízes tortas, para que possam ter a força de crescerem em direção

ao céu, mas suas folhas e seus frutos irão sempre em direção a terra, encarando seu meio e seu início, sem deixar de visualizar o seu fim.

São ciclos, por mais que se encerre, sempre haverá uma nova forma de iniciá-lo. Não é identificável o início nem o fim, mas com certeza todas as partes, todas as palavras, todos os emaranhados e meios, são raízes fundamentais das nossas vidas, a quem devemos tudo, mesmo sem saber."

3.1.7. CENA VII: “a confusão faz parte da vida”

Na presente e curta cena, nossa protagonista sente-se preparada para continuar sua jornada em busca da coroa, porém a idealização de um vulcão é mencionada em cena, o que novamente coloca as personagens Nique e Rico em um conflito. Ao relembrar os ensinamentos vividos durante a narrativa, Nique canta “A confusão faz parte da vida”, música composta especialmente para a dramaturgia, a fim de convidar os espectadores a relembrar e cantar junto com ela. Quando o vulcão acalma, ela encontra o objeto que buscava: a coroa.

Objetivos da autora: Relembrar, através de uma música composta para a dramaturgia, todos os ensinamentos e valores os quais Nique aprendeu durante sua jornada. Além disso, quando ela demonstra valor ao que aprendeu, ela encontra a sua coroa, representando que o seu objetivo sempre esteve com ela, mas ela precisava refletir sobre.

Circunstância principal da cena: Quando os pensamentos de Nique tornam-se uma música, o que acaba por acalmar o vulcão com os pensamentos de reflexão e confiança.

Personagens: Nique; Rico.

Objetivo das personagens: Nique: utilizar os pensamentos que surgiram em meio a confusão para salvar-se do vulcão; Rico: acompanhar Nique neste desafio, apoiando-a e entregando a coroa tão desejada.

Camadas presentes:

Plano de palco: refere-se aos diálogos, movimentações e música descritas na dramaturgia para as personagens Nique e Rico.

Plano fabuloso: O vulcão, assim como a personagem Rico, estão no plano fabuloso pois tratam-se de representações da imaginação de Nique. A música cantada, também pode inserir-se neste plano, uma vez que utiliza-se de lembranças emocionais da personagem para ser cantada em cena.

NIQUE: (*Nervosa, andando de um lado para o outro também*) Se não pensarmos em nada logo estaremos fritos!

RICO: Fritos! Nem comemos os nossos ovos fritos!

Nervosos, continuam caminhando de um lado a outro, enquanto falam ao mesmo tempo. Nique busca entre os livros alguma referência do que fazer, e ao não encontrar nada, paralisa de olhos fechados, pensativa.

NIQUE: Tá, pensa! Pensa!

Ouvem-se vozes que soam como se fossem os pensamentos de Nique.

VOZ 1: “Reflexão...”

VOZ 2: “Confiança...”

VOZ 3: Dentro do seu coração...”

VOZ 4: “As certezas só existem porque...”

VOZ 5: “A confusão faz parte da vida...”

NIQUE: A confusão faz parte da vida?! (*A Princesa Careca, p. 19*)

Plano oculto: O vulcão, na dramaturgia, é citado para representar momentos de ansiedade e “explosão” sentimental a qual muitas vezes passamos. É através das lembranças dos valores ditos, tanto pelas estrelas, quanto pela Mãe Natureza, que Nique respira fundo e reflete, encontrando no controle de suas emoções, a segurança para defender-se em um novo desafio. A coroa, feita de papéis antigos do próprio texto da peça, é encontrada dentro do caderno de desenhos de Nique, trazendo novamente em cena, a referência de que tudo é realização de seu imaginário, e aparece nesta cena, pois ela compreendeu o verdadeiro sentido de sua jornada, conquistando assim, a sua história de princesa.

3.1.8. CENA VIII: um final lúdico e feliz!

Quando Nique e Rico decidem brincar de “pique-esconde”, o amigo imaginário sai de cena. É neste momento em que Nique parece voltar à realidade, pois ouve sua mãe chamando-a

ao longe. A personagem Mãe volta à cena convidando sua filha para passear, e dessa forma, trazendo um fechamento para a dramaturgia escrita e encenada.

Objetivos da autora: Finalizar a dramaturgia demonstrando com clareza de que as aventuras de Nique foram fruto de sua imaginação, e que nesse momento ela está preparada para viver outras mais.

Circunstância principal da cena: Quando há a descoberta de que Rico era um desenho feito por Nique, proporcionando aos espectadores a consciência do que havia ocorrido, selando o momento com um abraço e o reencontro de Nique com sua mãe.

Personagens: Nique; Mãe.

Objetivo das personagens: Nique: Encontrar e perguntar sobre onde está seu amigo Rico; Mãe: Convidar sua filha para um passeio.

Camadas presentes:

Plano de palco: Refere-se aos diálogos e movimentações descritas na dramaturgia para as personagens Nique e Mãe.

Plano oculto: A fim de homenagear uma prática afetiva, tanto da minha infância, quanto da infância de muitas crianças, introduzi no texto o desenho de Rico, como uma das variadas formas de estimular e demonstrar a imaginação. É por isso, que a personagem Mãe, ao ver o desenho da filha, a convida para conhecer o “Bairro do Limoeiro”, em uma referência clara aos gibis da Turma da Mônica (Mauricio de Sousa Produções), que me acompanharam e me acompanham desde que aprendi a ler.

3.2. Reflexões acerca da escrita para crianças

Em um processo criativo, principalmente da área da escrita, a pesquisa e estudo tornam-se fundamentais para o seu desenvolvimento. Nas artes, arrisco dizer que muitas práticas plurais podem e devem ser consideradas pesquisas (leitura; inspiração; observação; exercício físico;

gestual; técnico; etc), e no caso da referente obra analisada, a possibilidade de atuar como arte-educadora e estar próxima de tudo que concerne a educação na infância, me proporcionou um método de pesquisa prático-interativo, no qual além de trabalhar com crianças de variadas idades, pude compreender um pouco mais sobre suas referências e modos de pensamento.

Uma das premissas que nortearam minha escrita em *A Princesa Careca* é a de que eu não deveria subestimar o intelecto da criança, independente de sua idade ou de suas preferências pessoais. É comum uma certa idealização de que a criança, por inexperiência, ou talvez fragilidade, não consiga compreender algumas questões ditas do mundo adulto, entretanto, o que todos nós adultos esquecemos, é de que tudo que sabemos hoje, é uma soma do que viemos aprendendo desde nossas infâncias, e por isso é de extrema importância validar o raciocínio intelectual e sentimental das crianças, a fim de proporcionar a elas, um desenvolvimento saudável e uma educação respeitosa.

[...] vale mais a pena, e é até mais honesto, tentar contar livremente uma história e deixar que a criança se identifique, que a criança vivencie por si mesma. Não é necessário invadir o imaginário da criança com as chamadas "regras de conduta". Não é buscando passar mensagens pedagógicas ou psicológicas que um autor cria verdadeiramente uma dramaturgia infantil. O melhor é tentar dar dimensão dramática para nossos conflitos mais íntimos. Para isso basta querer falar de si com absolutamente honestidade. (CARNEIRO NETO, 2003, p. 13)

Além disso, há na escrita, uma forma de menção a momentos recorrentes das minhas interações com as crianças: conversar animadamente sobre filmes, animações, livros, músicas e tudo que estimule a imaginação delas. Algumas crianças gostam de conversar, e se entusiasmam quando percebem o seu interesse em ouvir o que elas têm a dizer; e para aquelas que talvez não falem tanto assim, é igualmente importante o processo de identificação com o adulto mediador (educador), e uma das formas de estabelecer tal vínculo pode acontecer através de uma referência a um gosto artístico da criança. As citações de livros, filmes, personagens marcantes, e até mesmo as composições musicais no desenvolvimento da peça, conversam não só com as crianças da atualidade, mas também com as crianças do passado, e principalmente com a minha criança interior.

Naturalmente, não posso ter a certeza de que minha escrita impactará emocionalmente a todos que a encontrarem, muito menos de que resultará em uma identificação com cada indivíduo proposto a conhecê-la, porém, testemunhar o entusiasmo contagiante de um teatro repleto de crianças cantando “a princesa”; emocionar-se com leitores e espectadores comovidos com a

minha escrita; e ouvir o relato de uma paciente do Instituto do Câncer Infantil²⁶ que, ao observar o cartaz da peça, com a ilustração da protagonista Nique, exclamou: “ela se parece comigo!”, fez tudo valer a pena. Dessa forma, considero ter alcançado algo ainda mais valioso que meus primeiros objetivos: a vontade de buscar a preciosidade da escrita e trabalho nas dramaturgias pensadas para crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte de contar histórias e o teatro desempenharam um papel vital na minha formação, tanto como artista quanto como arte-educadora. Perceber e aplicar isso em meus trabalhos, de

²⁶ O Instituto do Câncer Infantil do Rio Grande do Sul é uma instituição de referência no apoio e tratamento de crianças e adolescentes, idealizado em 1990 pelo Dr. Algemir Lunardi Brunetto.

forma ou outra, me auxiliaram a compreender um pouco mais do desenvolvimento das crianças. Como vimos no primeiro capítulo, contar histórias é, além de uma forma ancestral de transmitir conhecimento, uma forma de existência, ainda mais quando trata-se de material escrito, como são os textos dramáticos. Representar histórias transcende gerações e fronteiras, e nos conecta através da imaginação e da identificação, elementos indispensáveis do nosso crescimento pessoal.

Ao longo do trabalho, busquei evidenciar meus aprendizados práticos, pelos quais obtive incentivo para continuar neste curso e neste ramo. Ainda que não saibamos definitivamente quais as impressões e opiniões das crianças e adolescentes que troquei conhecimentos nos últimos anos, destaca-se a importância do teatro na infância, e o seu papel fundamental na promoção da criatividade, comunicação, segurança e habilidades psico-motoras nas crianças. Além disso, pude analisar minuciosamente como a escrita dramática pode ser uma ferramenta educacional valiosa, expressando certos valores de maneira simples e lúdica, mas que não deve ser feita de qualquer jeito.

Em conclusão, reitero minha consciência ao saber que é um trabalho inconclusivo. Ao escolher escrever sobre infâncias, é necessário compreender que exige muito estudo, afinal estou lidando com áreas da licenciatura, pedagogia, psicologia, a quais, sendo graduanda do bacharelado, não tive a adequada aproximação, porém, estou disposta a continuar desenvolvendo essa pesquisa, pois hoje, tornou-se ainda mais valiosa para o que sou e para o que quero ser.

Desejo que este estudo possa incentivar a continuação das pesquisas sobre o desenvolvimento das crianças e sua relação com a escrita dramática para elas, contribuindo para uma compreensão mais profunda dessa importante e necessária arte. Para isso, é necessário sempre recordar: "A função básica (essencial) da inteligência humana é entender e inventar, em outras palavras, construir estruturas (enquanto) estruturando a realidade." (Jean Piaget).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Marta.; PASCHOAL, Jaqueline; FERREIRA, Ana Letícia; BARROS, Priscila. **Arte e educação: o teatro como recurso metodológico no trabalho pedagógico na alfabetização.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 14, n. 3, p. 1205–1216, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12491>. Acesso

em: 24 ago. 2023.

BISPO, Claudiene Cordeiro Leandro. **Brincando e aprendendo com o faz de conta.** Diversitas Journal, Santana do Ipanema, v. 3, n. 3, p. 726-740, set./dez. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/677-Arquivo%20contendo%20o%20artigo%20sem%20a%20identifica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20autores-2025-2387-10-20181222.pdf>. Acesso em: 6 de Agosto de 2023.

CARREIRA, André. **Fazer teatro é pensar o teatro.** Concept., Campinas, v.1, n.1, p. 2-13, jul./dez. 2012.

CASTRO, Ana Luisa Manzini Bittencourt de. **O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola: o que nos dizem piaget e vygotsky.** Rev. psicopedag., São Paulo , v. 23, n. 70, p. 49-61, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 6 de Agosto de 2023.

CAVASSIN, Juliana. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica.** R.cient./FAP, Curitiba, v.3, p.39-52 , jan./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1624/963>. Acesso em 23 de Agosto de 2023.

CORRÊA, Anderson Borges; BORTOLANZA, Ana Maria Esteves. **Desenvolvimento humano e o papel do signo na constituição da linguagem verbal, da fala e da consciência humana:** pressupostos de Vigotski, Leontiev e Luria. Eutomia, Recife, p. 97-119, Jul. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/237442-126563-1-PB.pdf>. Acesso em 6 de Agosto de 2023.

CRAIDY, Carmen; KAERCHER Gládis E. (org). **Educação Infantil**, Pra que te quero?. Porto Alegre, Artmed Editora, 2001.

DAWKINS, Richard. **A Magia da Realidade.** São Paulo, Editora Schwarcz S.A., 2012.

FELIPE, Jane; ALBUQUERQUE, Simone Santos de; CORSO, Luciana Vellinho (org.). **Para pensar a Educação Infantil:** políticas, narrativas e cotidiano. Porto Alegre, Evangraf: UFRGS, 2016.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Por uma pedagogia do brincar**. Presença Pedagógica, Porto Alegre, v. 19; n.109; p. 30-35. Jan/fev 2013.

GOMES, Elaine. **A arte de narrar histórias**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2018.

JUNIOR, Delcio. ; SANTOS, Anderson. **Teatro: Desenvolvimento e Aprendizagem na Educação Infantil**. Revista Valore, Volta Redonda, vol. 4; n. 1; p. 762-774, Jan/Jun/2019. Disponível em: <valore.homologacao.emnuvens.com.br/valore/article/view/215>. Acesso em 23 de Agosto de 2023.

KLISYS, Adriana. **Faz-de-conta: Invenção do possível**. Revista Criança, Ministério da Educação, n. 43, Ago. 2007.

MCLEISH, Kenneth. **Aristóteles: a poética de Aristóteles**. Unesp, 2005.

NASCIMENTO, Carolina Picchetti; ARAUJO, Elaine Sampaio; MIGUEIS, Marlene da Rocha. **O jogo como atividade: contribuições da teoria histórico-cultural**. Psicol. esc. educ., Campinas, v. 13, n. 2, p. 293-302, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 6 de Agosto de 2023.

NETO, Dib Carneiro. **Pecinha é a vovozinha!**. São Paulo, Editora DBA Dórea Books and Art, 2003.

OLIVEIRA, Gladis Pedersen de. **A literatura e a magia da arte de contar histórias**. Porto Alegre. Editora Olsen, 1ª ed., 2014.

PORTO, Andreia Anna; KAFROUNI, Roberta. **Teatro e desenvolvimento psicológico infantil**. Avances en Psicología Latinoamericana, vol. 31, n.3, p. 575-585. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v31n3/v31n3a10.pdf>>. Acesso em 23 de Agosto de 2023.

ROSA, Taiane Carrilho; LEAL, Daiane da Conceição; BECK, Vinicius Carvalho; SILVEIRA, Denise Nascimento. **O conceito de zona de desenvolvimento proximal no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula**. 21º Congresso de Iniciação Científica da UFPEL, Pelotas, 2012; Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/cic/2012/anais/pdf/CH/CH_00530.pdf>. Acesso em 1 de Agosto de 2023.

SALVA, Sueli; BELTRAME, Lisaura Maria. **A brincadeira de faz de conta na perspectiva histórico-cultural:** contribuições de Vigotski, Elkonin, Leontiev e Mukhina. Humanidades e Inovação, v. 8, n. 68, Dez. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/7036-Texto%20do%20artigo-23677-1-10-20220512.pdf>. Acesso em: 1 de Agosto de 2023.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento:** do faz-de-conta à representação teatral. Porto Alegre, Mediação, 2002.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Da brincadeira de faz de conta à representação teatral.** In: CUNHA, Susana Rangel Vieira (Org); Porto Alegre: Editora Mediação, 3ª Edição, 2014

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula:** um manual para o professor. Tradução Ingrid Dormien Koudela - 1 reimpr. da 3. ed. - São Paulo, Perspectiva, 2017.

UTSUMI, Miriam Cardoso (org.). **Entrelaçando saberes:** contribuições para a formação de professores e as práticas escolares. Florianópolis, Insular 2002.

APÊNDICE – A DRAMATURGIA

Peça teatral de
Franchesca Coppola

A PRINCESA CARECA



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

I
INSTITUTO DE ARTES

DAD
Departamento de Arte Dramática

 @aprincesacareca

A PRINCESA CARECA

CENA I

No palco, um baú, estantes, e muitas pilhas de livros. Entra em cena a personagem Nique, vestindo uma jardineira jeans, estilizada com canetinhas de todas as cores. A jardineira sobrepõe uma blusa engraçada, com mangas bufantes – até maiores do que ela gostaria –, e em sua cabeça, nada! Nique é careca, bem carequinha. Segura alguns livros em seus braços e logo os coloca no chão, observado um por um. Ela é seguida por três seres imagéticos, os quais comportam-se ora como extensão de suas ações, ora como extensão do cenário.

NIQUE: *(Entregando os livros para os seres mágicos que estão atrás dela)* Ah, este é maravilhoso! Mas eu já li. Este também é muito bom, mas li pela décima quinta vez na semana passada! Este eu li tantas vezes que até já perdi as contas! Já sei o que conta. Já li! Li! Li! Li! Li! “Aaah” Eu já li todos! Todos os livros deste castelo! Não sobrou um, “unzinho”! Minha esperança eram estes de receita, mas até esses eu já li! *(Olhando em sua volta)* O que devo fazer, agora? Preciso de algo para me distrair por aqui, não gosto de ficar parada, preciso exercitar minha mente! *(Pensa por alguns instantes)* E se, por acaso, eu saísse? *(Levanta-se rapidamente)* Mas é claro! Preciso de uma aventura fantástica! Desbravando desertos, florestas, mares... Indo ao Japão! Finlândia! Noruega! E onde mais? *(Pergunta ao público)* Isso! Isso, mesmo! Uma aventura e tanto! Estou empolgadíssima! *(Corre até o baú para pegar papel e caneta, e logo após senta-se nele)* “Diário de viagem: Dia 1”. O início da minha aventura parte de um grande questionamento: Será que minha mamãe vai me deixar sair do castelo?

Entra a personagem Mãe. Sorridente, traz em suas mãos uma bandeja com um copo de suco e um pote de ervilhas.

MÃE: O que tem sua mamãe, filha?

NIQUE: Mãe! Eu preciso muito de uma aventura criativa!

MÃE: Acho uma excelente ideia! Por que não vamos à biblioteca juntas e você escolhe um livro para ler e/

NIQUE: Mas há um problema, mãezinha linda! Mamãezinha mais querida! Coisinha cute cute da minha vida, razão do meu viver!

MÃE: Ih, lá vem! Qual problema?

NIQUE: Eu gostaria de viver essa aventura!

MÃE: Pois então, isso é fácil! Basta escolher um livro e/

NIQUE: Você não entendeu, mãe... Quero realmente viver uma aventura! Dessas com bastante emoção, com muitas surpresas! Quero sair e desbravar lugares, conhecer pessoas novas, saber do que se passa no mundo todo!

MÃE: E para isso...

NIQUE: Para isso eu preciso sair do castelo!

MÃE: Negativo!

NIQUE: Ah, mas por quê?

MÃE: O mundo lá fora não é bonito como é nos livros! É esquisito, pra falar bem a verdade. E aqui dentro você está segura, pode viver todas essas histórias dentro da nossa biblioteca!

NIQUE: Mas eu já li todos os livros, mãe! Nada é novo para mim...

MÃE: Até os de receitas?

NIQUE: Sim! Por isso eu preciso sair, eu preciso de elementos novos para a minha cabeça! (***Pega uma ervilha***) Senão, as histórias da minha vida serão resumidas em... Em ervilhas!

MÃE: (***Pega uma ervilha também***) Na verdade, já existe uma história com ervilhas, você lembra? (***Enquanto Mãe fala, os seres mágicos interpretam a história***) A história da princesa que para comprovar sua delicadeza, teve de dormir em uma torre de 20 colchões com uma ervilha no meio. A Rainha daquele reino ficou tão feliz que ela dormira mal naquela noite, que resolveu casá-la com seu filho, o príncipe! E eles viveram felizes para sempre! (***Coloca a ervilha na boca de Nique***)

NIQUE: Essa história é muito ruim, mãe!

MÃE: São histórias de princesas, Nique!

NIQUE: Então não quero mais ser uma princesa! Se é pra viver tamanho sofrimento!

MÃE: **(Rindo)** São só histórias! *(Vai saindo de cena)*

NIQUE: Mãe, vai pensar no meu caso?

MÃE: Vou sim! Mas não lhe garanto nada, certo?

NIQUE: Certo... Mas pense com carinho! *(Comemorando ao público)* Se tudo der certo, finalmente conseguirei viver uma grande aventura!

Os seres mágicos dançam junto com Nique, enquanto ela canta a música “Aventuras a me esperar”.

(NIQUE): Música “Aventuras a me esperar”

Quantas aventuras estão me esperando?

Enquanto eu ainda só posso imaginar!

Quantas diversões eu ainda estou sonhando?

Muitas brincadeiras eu vou poder brincar!

Imagino a vida linda, com muitas cores,

são tipos de amores para conhecer!

Uma aventura emocionante, me deixa radiante!

Me deixa curiosa, quero logo então viver!

Enquanto Nique canta, os seres mágicos lhe dão algumas folhas e lápis de cor. Ela deita-se no chão para desenhar. Os seres mágicos saem de cena.

CENA II

Nique está desenhando quando entra em cena Rico, um menino acelerado, e que possui vestes totalmente verdes. Ele chama a atenção de Nique.

RICO: Ei, ei! Menina!

NIQUE: Quem é você?

RICO: Eu sou o Rico! E Procuo a princesa deste castelo!

NIQUE: (*Levanta-se rapidamente*) A princesa? Sou eu a princesa...

RICO: (*Incrédulo*) Você? Impossível! Uma princesa é delicada como uma rosa, e você estava aí no chão tal qual um gato. Além do mais, as princesas são estilosas! E você... ‘Er’, bem... Veste-se tal qual um sapo!

NIQUE: Eiii! Não sou eu que estou toda de verde que nem um sapo!

RICO: Sua postura também não é formidável, e sua cabeça...

NIQUE: O que tem minha cabeça?

RICO: Falta uma coisa importantíssima nela!

NIQUE: Eu sei o que você dirá! Minha mãe bem que me avisou de pessoas como você! Mas fique o “senhorito” sabendo que sou lindíssima sem cabelos e que tenho muito orgulho de ser a primeira princesa careca dos cinco reinos próximos e/

RICO: Sim, de fato você é lindíssima! Mas não é a isso que eu me refiro.

NIQUE: Não?

RICO: Não! O que falta na sua cabeça é algo que todas as princesas devem ter...

Uma melodia começa a ser ouvida. Rico canta uma pequena música.

(RICO): Música “Busque a sua coroa!”

*Quando se é uma princesa, deve ficar atenta
Não deixe de ter algo que lhe representa
Pode ser pequena, grande, colorida e brilhante
Só não deve ficar em cima de sua estante!*

*Tem que estar contigo, em várias ocasiões
Brincando de boneca, ou comendo feijões*

Tem que ser inseparável, por isso não fique à toa!
Vamos lá, vamos princesa busque
A sua coroa!

NIQUE: (*Toca em sua cabeça*) Puxa, realmente nunca tive uma coroa!

RICO: Pois é, agora como você quer que eu acredite que você é a princesa deste reino? A não ser que...

NIQUE: (*Atenta*) Que?

RICO: Que você ainda não viveu a sua aventura de conquista da coroa!

Nique animada, gira de mãos dadas com Rico, enquanto dá risadas. Por um breve momento, Rico está confuso, mas logo se anima junto a ela.

NIQUE: (*Rindo*) Eu sabia! Sabia que minha mãe iria deixar! Ela lhe enviou aqui, né? Para falar comigo! Vamos nos divertir muito! Já sei, vou pedir para que seja providenciado um skate e um patinete para nós, e então nós vamos/

RICO: Ei! (*Pega o papel e a caneta no chão*) Quem sabe não escrevemos a sua história de princesa? Como um conto de fadas!

NIQUE: Isso seria fabuloso! (*Saltitante*) Estou tão feliz! Tão feliz!

RICO: Pois bem! Vamos começar do começo! Senhorita...

NIQUE: Nique! Meu nome é Monique, mas pode me chamar de Nique!

RICO: Senhorita Nique! Eu sou Rico, ao seu dispor! (*Curva-se diante de Nique*) Me responda uma dúvida muito pertinente: Qual sua relação com bruxas horripilantes e invejosas?

NIQUE: Credo! Graças aos céus, nenhuma!

RICO: Não há nenhuma bruxa neste reino?

NIQUE: Há várias! Mas nenhuma horripilante e invejosa! Todas são queridas e fazem chás deliciosos!

RICO: (*Risca na folha*) “Hmpf”! então não adianta... E o seu sono, como está?

NIQUE: Muito bem! A mamãe até fala que eu deveria dormir mais um pouquinho, mas eu fico muito agitada aqui dentro do castelo, e essa agitação reverbera no meu corpinho e então preciso levantar e procurar algo pra fazer/

RICO: Percebi, percebi! Mas você não sente muito sono? Mais do que o comum?

NIQUE: Por que você pergunta isso?

RICO: Porque a princesa Aurora conquistou a sua coroa assim! Ela foi enfeitiçada para dormir por vários e vários anos, até que um príncipe que estava de passagem resolveu adentrar na torre em que ela estava adormecida, e ao vê-la tão bela dormindo, lhe deu um beijo, o qual a acordou e fez com que eles se casassem e vivessem felizes para sempre!

NIQUE: Eca! E ele nem a acordou antes pra ela escovar os dentes? Deve ter sido um beijo com bafo de onça!

RICO: Ah, mas isso não importa! O que importa é o amor! (*Amolece*)

NIQUE: Realmente, o bafo de onça é o de menos! Mas não é o amor o que mais importa...

RICO: Não?

NIQUE: Claro que não! Pelo menos não nesse caso! O que mais importa é: Ele devia ter perguntado para ela se ela queria o beijo!

RICO: Er, como assim?

NIQUE: Ele deveria tentar acordar a princesa... Como é o nome mesmo? Enfim, essa moça adormecida! Ele deveria tê-la acordado e perguntado! Não se pode chegar assim, beijando as pessoas...

RICO: Mas, mas essa é a história dela/

NIQUE: Isso é meio estranho, não acha? Era melhor ter comprado um despertador e dado de presente para ela. Ela poderia usar sempre!

RICO: Tá! (*Tentando trocar de assunto*) Mas e a Branca de Neve, o que acha da história dela?

NIQUE: É aquela que arrumou sozinha a casa de sete pessoas?

RICO: (*Animado*) É! E então caiu em um sono profundo após comer uma maçã envenenada e o príncipe salvou-lhe com um... (*Faz o gesto e som de um beijo*)!

NIQUE: (*Pensativa*) Mas se tinham sete pessoas na casa, como que a casa estava tão bagunçada? Nenhum deles tinha tempo para arrumar? E qual o problema dos príncipes daqui, hein? Por que nenhum deles sabe acordar uma pessoa de uma forma normal? Eu, hein! Ainda bem que a Princesa Tiana estava acordada, senão imagina a reação dela quando soubesse que beijou um sapo?

RICO: (*Tentando novamente convencê-la*) T-tá, mas... E a Rapunzel, por exemplo? Ela foi trancada na torre mais alta do reino e teve que jogar seus cabelos pela janela para que um príncipe pudesse salvá-la!

NIQUE: Mas se foi ele quem subiu e não ela quem desceu da torre, quer dizer que os dois devem estar presos lá, até hoje... E além do mais, que ideia doida essa do cara subir nos cabelos de alguém?! Não seria mais fácil uma escada? Ainda bem que eu sou careca! Não gostaria de ninguém subindo e desfazendo os meus penteados.

RICO: (*Desconcertado*) É-é por isso que você ainda não conquistou sua coroa!

NIQUE: Porque eu não deixaria ninguém colocar o “pézão chulezento” no meu cabelo? Se todas as princesas desse lugar acham que podem deixar isso acontecer, eu preciso urgentemente avisá-las de que elas podem se salvar sozinhas e/

RICO: Não! Você necessita ser delicada ao ponto de não conseguir salvar-se sozinha, para conquistar a sua coroa!

NIQUE: “Ooouu” eu posso, simplesmente, viver uma aventura atrás da minha coroa!

RICO: (*Pensativo*) Tem razão! Vamos resolver isso agora!

NIQUE: Agora? (*Animada*)

RICO: Sim! Feche os olhos que em instantes a mágica irá acontecer!

NIQUE: (*Animada*) Mal posso esperar!

CENA III

Rico estala os dedos. Eles continuam na biblioteca! Rico, satisfeito com seu feito, começa a observar e a tocar na maioria dos livros.

NIQUE: *(Ainda de olhos fechados)* E então? Posso abrir os olhos?

RICO: Claro!

NIQUE: *(Ainda de olhos fechados)* Mal posso esperar para ver o lugar lindo no qual estou! *(Conta até três, abre os olhos lentamente e repara que continuam no mesmo lugar)* Ei, mas continuamos no mesmo lugar!

RICO: No melhor lugar para se viver aventuras!

NIQUE: Na biblioteca? *(Desanimada)*

RICO: Na biblioteca! *(Animado)*

NIQUE: Mas eu não estou entendendo! Pensei que iríamos sair do reino atrás de aventuras para conquistar minha coroa!

RICO: E você quer um lugar mais enriquecedor do que este? Aqui temos todas as aventuras do mundo! Desde as trágicas, até as comédias!

NIQUE: Sim, eu sei! E por saber demais que gostaria de ver algo diferente! Eu já li todos os livros daqui... Vamos para um lugar novo, com esportes, danças, brincadeiras... Onde eu possa encontrar a minha verdadeira história!

RICO: Ah, mas é aí que você se engana, senhorita Nique...

Entram em cena bailarinos, para dançar e cantar com Rico.

(RICO): Música "Você também vai gostar!"

Olhe para a estante cheia de livrinhos,

Há tantas histórias para você imaginar! Mesmo que você tenha lido todinhos,

Sempre haverá mais uma história para contar!

(Bailarino 1) Como seria Romeu e Julieta no espaço sideral?

(Bailarino 2) Tarzan na cidade, Pinóquio de metal?

(Bailarino 3) Imaginar brincando é diversão sem igual!

(RICO): Tantos universos na palma da nossa mão,

Uma grande fábula para se aventurar!

Sentindo com a mente, pensando com o coração,

Isso é o incrível poder de imaginar!

(Bailarino 1) Suba em um cometa!

(Bailarino 2) embarque nesse furacão!

(Bailarino 3) Mas nunca, nunca, pare, pare de criar!

(Juntos) Fortes emoções são a nossa motivação!

Por isso te digo: nunca pare de sonhar!

(CORO) Pela aventura que gosto daqui,

Pela aventura que eu gosto de acordar!

Inventar histórias é muito divertido,

E você também vai gostar!

Também vai gostar!

Também vai gostar!

(NIQUE): Gostar do que?

(CORO) De i-ma-gi-nar!

De cri-a-ar!

De i-ma-gi-na-ção!

De cri-a-çãããããão!

Brincar imaginando é tudo de bom!

NIQUE: Tá bem! Você me convenceu! Deixe-me ver... *(Um dos bailarinos entrega um livro para Nique, e sai de cena animadamente, acompanhado de seus colegas)* “Depois de, despreocupadamente, zarpar para sua jornada num pequeno bote, este jovem garoto planeja “fazer alguns amigos” e formar seu próprio bando de piratas...”. *(ONE PIECE, pg. 1)*

RICO: Boa ideia! Sua história de princesa poderia começar com você sendo uma pirata!

NIQUE: E isso pode?

RICO: Claro que pode! Nós estamos criando as regras!

NIQUE: Então eu já sei o que fazer! *(Abre o baú e entra dentro dele. Pega um papel e o faz de luneta, olhando para cima)* 36° dia em alto mar... Já não há mais comida ou água potável, mas há esperança de que dias melhores virão. Oh, o que é isso que vejo no céu? Será um pássaro?! Um pássaro! Atenção tripulantes! Avistamos um pássaro! *(abaixa a cabeça lentamente)* E lá na frente, bem distante, avistamos uma... Um... O que avistamos?

RICO: *(Pega um livro e abre em uma página. Lê como se estivesse lendo para si mesmo)* “Creio que ele se aproveitou de uma migração de pássaros selvagens para fugir. Na manhã da viagem, pôs o planeta em ordem. Revolveu cuidadosamente seus vulcões. Ele possuía dois vulcões em atividade. E isso era muito cômodo para esquentar o café da manhã” *(O PEQUENO PRÍNCIPE, pg. 32)*

NIQUE: Isso mesmo! Avistamos um vulcão! Preparem suas frigideiras! Hoje teremos ovo frito para o almoço!

RICO: *(Indo para o outro lado do palco)* Ah, você é uma excelente líder, capitã Nique!

NIQUE: Muito obrigada, Rico! Eu gostaria de ser a rainha dos piratas!

RICO: E é por isso que estamos viajando há vários dias, para encontrar o maior tesouro do mundo, a coroa! Eu e todos os nossos companheiros! Como por exemplo, esse! Qual seu nome mesmo? *(Pergunta para alguém do público)*

NIQUE: Vamos ir atrás dos nossos sonhos, companheiro! *(Pega um livro, abre-o e lê)* “E é exatamente isso que os encontradores de coisas fazem” *(PIPI MEIALONGA, pg. 30)*

RICO: Sim! *(Pega um origami no chão)* Outro dia encontrei esse cavalo nadando em alto mar. O coitadinho tinha se perdido após ter tentado dar sanduíche de atum para um peixe!

NIQUE: Mas não pode!

RICO: Pois é, atum é peixe! *(LILO & STITCH, 2002)*

NIQUE: Bem, eu gostaria de encontrar uma estrelinha! (*Animada*)

RICO: Uma estrelinha?

NIQUE: É! Dessas bem pequeninas que ficam no céu! Me disseram que elas contam segredos muito úteis!

RICO: Como o quê?

NIQUE: Ah, não sei! Deve ser o segredo de como dobrar um lençol com elástico!

RICO: Puxa, agora eu quero encontrar as estrelinhas também! (*Olha para cima*) Será que elas também avisam quando devemos sair de casa com guarda-chuvas?

Sons de trovões e chuva.

NIQUE: Oh-oh! Vamos passar por uma revolta marítima! Segurem-se! Para a direita! (*Sugere ao público para imitarem seus movimentos*)

RICO: Qual direita?

NIQUE: Para a esquerda!

RICO: Ai, papai do céu, ajuda!

NIQUE: Para baixo!

RICO: Estamos naufragando!

NIQUE: Gritem!

Apagam-se as luzes. Espera-se o silêncio do público.

CENA IV

Em total escuridão, Rico acende uma lanterna.

RICO: Como? Como podemos ter naufragado e eu estar tão sequinho? Será que fui para o céu? Ô meu pai, não sabia que aqui era tão escuro! E que saudades da Nique... Mal a conhecia, mas já considero “pacas”...

NIQUE: (*Acendendo uma lanterna também*) Ei, eu tô aqui! E também tô seca. Acho que nós estamos em cima de algo diferente...

RICO: Pois agora que você comentou, parece que o chão está meio mole, não é?

NIQUE: Sim, mas não consigo ver direito com essas duas lanterninhas. Será que nossos companheiros estão bem? Companheiros! Acendam suas lanternas caso estejam bem! (*Espera-se que o público ligue as lanternas de seus celulares*)

RICO: Que maravilha! Parecem vários “vagalumezinhos”!

Ilumina-se um ponto específico do palco, e aparece uma nova personagem.

MARIA ESTELA: Uau, fazia tempo que não via tantas estrelas juntas!

Nique e Rico assustam-se com a aparição inesperada de Maria Estela, abraçando-se e lentamente dirigindo-se para outra parte do palco.

MARIA ROSA: Finalmente saímos daquele buraco de minhocas!

Nique e Rico abraçam-se assustados.

MARIA VALÉRIA: Por Órion! Será que uma estrela azul não pode mais tirar uma sonequinha por aqui?

NIQUE: Q-quem são vocês? (*Com medo*) Eu tenho a meia fedorenta do Rico e não tenho medo de usá-la!

RICO: Eii!

As Três Marias juntam-se no outro lado do palco. Uma luz azulada toma o espaço, conjuntamente de uma projeção de várias estrelas pequenas.

MARIA ESTELA: Oh, não, por favor! Livre-nos de tal aroma desagradável! Permita que a gente se apresente: “Para proteger o mundo da devastação...” (Referência ao lema da Equipe Rocket de *Pokémon*)

MARIA ROSA: “Para unir todas as pessoas da nossa nação!” (Referência ao lema da Equipe Rocket de *Pokémon*)

MARIA VALÉRIA: “Para estender nosso poder às estrelas...” Maria Valéria! (Referência ao lema da Equipe Rocket de *Pokémon*)

MARIA ROSA: Maria Rosa!

MARIA ESTELA: E Maria Estela!

AS TRÊS MARIAS JUNTAS: As Três Marias decolando juntas na velocidade da luz! (*Fazem uma pose em conjunto*)

Breve silêncio.

MARIA VALÉRIA: Só isso? Nem um efeito especial para nós?

MARIA ROSA: Ih, ouvi dizer que este ano o orçamento está baixo! (*Começam a falar entre si*)

NIQUE: Vocês são estrelas?

RICO: (*Desesperado*) Estrelas?! Então quer dizer que a gente morreu...

MARIA ESTELA: Ih, desencana, meu filho! Se fosse esse o caso, você já teria (*faz um som de explosão com a boca*) explodido!

MARIA VALÉRIA: Escute o que minha irmã diz! Nós estamos aqui desde que o mundo não era mundo!

MARIA ROSA: Lembra quando era só um grãozinho de poeira?

As três Marias novamente voltam a conversar entre si.

NIQUE: (*Para Rico*) Rico, esta é uma oportunidade incrível! Elas são estrelas, sabem do passado e talvez até do nosso futuro! Podemos perguntar qualquer coisa para elas!

MARIA ESTELA: É verdade! Nós sabemos de tudo!

MARIA VALÉRIA: Somos conhecidas por contar segredos muito necessários!

MARIA ROSA: É verdade! Como por exemplo: Sabiam que o cavalo branco de Napoleão era branco?

AS TRÊS MARIAS JUNTAS: (*Muito animadas*) Sim!

RICO: (*Para Nique*) Não sei, não Nique! Elas parecem viver no mundo da lua!

MARIA ESTELA: Pois engana-se, meu caro jovem!

MARIA VALÉRIA: Temos mais de 4 bilhões de anos de conhecimento!

MARIA ROSA: Temos as respostas mais rápidas de todas as constelações! (*Dirige-se a alguém do público*) Você! Faça-me uma pergunta para que eu possa respondê-la na velocidade da luz!

O espectador realiza a pergunta.

MARIA ROSA: (*Com orgulho*) Não sei!

As irmãs aplaudem, também orgulhosas!

MARIA ESTELA: Realmente a resposta mais rápida que esta galáxia já presenciou!

NIQUE: Bem! Já que estamos aqui, não custa perguntar, não é!

MARIA VALÉRIA: Isso mesmo, minha cara jovem! Não hesite, pois esta é uma oportunidade que você somente teria de novo daqui a 800 anos-luz!

AS TRÊS MARIAS JUNTAS: (*Em som de eco*) Luz, luz, luz...

NIQUE: Eu gostaria de uma pista para encontrar a minha coroa!

AS TRÊS MARIAS JUNTAS: Sua coroa?

NIQUE: (*Falando rápida e resumidamente*) É, vocês sabem! Sou uma princesa que desejava sair do castelo para viver grandes aventuras, mas eu não tinha nada para colocar em minha cabeça, e então eu e o Rico saímos para procurar pela minha coroa, e por enquanto nenhum vestígio dela e etc, etc, etc. Podem me contar onde está guardada?

As três Marias cochicham novamente entre si, fazendo alguns gestos.

RICO: É para hoje? Pois às 18h tenho um chá marcado com um conhecido que irá fazer um novo chapéu para mim e/

MARIA ESTELA: Nós já encontramos a resposta!

NIQUE: Oba! Oba! 20 mil obas! Me fala, onde está minha coroa?

MARIA VALÉRIA: Se o seu desejo não está à vista, é necessária organização. Para que haja uma conquista, sempre deverá existir uma reflexão!

MARIA ROSA: É importante que a cachola e a barriga estejam funcionando bem, mas o que nos leva para frente, é ouvir aquilo que todo mundo tem!

MARIA ESTELA: Não se trata de objetos e riquezas, porque isso é passageiro! Trata-se de amor e confiança, que deve nos tomar por inteiro.

MARIA VALÉRIA: Imagino que já tenha decifrado, mas falaremos em alto e bom tom:

AS TRÊS MARIAS JUNTAS: A resposta de sua pergunta encontra-se dentro de seu coração!

NIQUE: (*Confusa*) O que? Como assim dentro do meu coração?

Um barulho estranho toma a cena, os personagens desequilibram-se.

RICO: (*Impaciente*) O chão está se movendo, de novo? Já estou ficando enjoado!

MARIA ROSA: (*Comemorando*) Opa, dessa vez vamos conseguir, irmãs!

MARIA ESTELA: Vamos de volta aos céus!

RICO: De volta? Como assim? Nós não estávamos no céu?

MARIA VALÉRIA: Sim! No céu da grande boca!

RICO: Boca? Boca de quem?

AS TRÊS MARIAS JUNTAS: (*rindo*) Céu da boca da baleia!

RICO: (*Gritando*) Baleia?!

O som do canto da baleia é ouvido, e há um jogo de luzes. As três Marias saem de cena. Nique e Rico saltam para a frente do palco.

CENA V

Nique e Rico estão abaixados em cena. Rico levanta-se rapidamente, limpando suas vestimentas, conversando com Nique e com o público. Nique por sua vez, sobe silenciosamente ao palco, e senta-se em cima do baú, ignorando Rico.

RICO: Que loucura! Quem poderia imaginar que dentro da boca de uma baleia há um céu? Com estrelas? Estrelas irmãs do céu da boca de uma baleia! E ainda por cima fomos jogados num lugar novo, de novo! Se continuar assim, quando tudo terminar vou precisar de terapia! Olha só, o meu olho piscando! (*SHREK*, 2001) Bem, vamos continuar nossa busca! Agora que temos uma pista será muito mais fácil encontrar a coroa, não é Nique? Nique?! Vai me deixar falando sozinho?

NIQUE: (*Desanimada*) Acabou, Rico!

RICO: Acabou? Como assim acabou?

NIQUE: Nossa aventura. Ela nunca foi necessária. Nunca deveria ter saído do reino.

RICO: E-eu não estou entendendo! Nós estávamos nos divertindo tanto, o que mudou?

NIQUE: (*Levantando e reagindo a pergunta de Rico*) Vou te dizer o que mudou: Nós saímos do reino, saímos de um lugar no qual eu conhecia tudo e todos para arriscarmos nossas vidas em busca de algo que nesse tempo todo estava dentro de “meu coração”?! Sabe o quão frustrante isso é? Eu esperei minha vida toda para conhecer novos lugares e no fim, nunca precisei sair de casa!

RICO: É, tecnicamente nós nunca saímos da biblioteca...

NIQUE: Ah, ótimo! Obrigada por me lembrar de mais uma decepção. Pode ir, Rico! Nossa aventura termina aqui.

RICO: M-mas Nique, você não pode deixar de imaginar, de sonhar! A sua história é você quem está criando, com as referências que você conheceu a vida toda.

NIQUE: Não! Não sou eu que estou criando! Pois se fossem minhas ideias, eu teria feito coisas diferentes!

RICO: O que você teria feito de diferente?

NIQUE: Não sei! Com certeza eu não entraria dentro de um animal marinho enorme para concluir que a coroa sempre esteve comigo!

RICO: Mas a coroa não precisa ser material, ela pode ser senti/

NIQUE: Eu disse: “Pode ir, Rico! Nossa aventura termina aqui.”

Nique vira-se de costas para Rico. Rico aproxima-se de Nique e quase encosta em seu ombro, mas desiste da tentativa e dirige-se para a coxa do lado contrário. Logo depois, Nique também sai de cena. Uma música de floresta é ouvida, enquanto a cena continua vazia.

CENA VI

Nique e Rico retornam a cena, pois estão sendo “confrontados” por personagens com figurinos que remetem a árvores. A luz baixa e a música trazem um clima de suspense, enquanto as personagens fazem uma coreografia no centro do palco. Após o término da dança, concentram-se ao lado direito do palco, formando a figura de uma árvore. Da árvore, desprende-se a Mãe Natureza, que se aproxima dos dois amigos. Rico ligeiramente se curva diante da nova personagem, e Nique confusa, o copia.

MÃE NATUREZA: Isso não é necessário.

ÁRVORE ILCE: Apesar de que ela é uma rainha... (*Aproxima-se dela*)

ÁRVORE LEDA: Uma deusa... (*Repete o que a primeira Árvore fez*)

ÁRVORE EDI: Um ser tão majestoso... (*Repete o que a primeira e segunda Árvore fizeram*)

JUNTAS: (*Carinhosamente*) Ela é a nossa mamãe!

MÃE NATUREZA: (*Encabulada*) Não é para tanto, filhotes! (*Dirige-se para Nique e Rico*) O que querem dizer é que não precisam me tratar com formalidade! Aqui na natureza, todos são meus filhos!

NIQUE: Você é quem cuida deles?

MÃE NATUREZA: Deles e de tudo que há no mundo!

RICO: (*Curvando-se novamente*) Desculpe-me vossa alteza, mas é humanamente impossível cuidar de tudo que há no mundo, seria muito trabalho para a senhora!

MÃE NATUREZA: De certa forma você tem razão, mas meus cuidados ultrapassam algumas barreiras. Eu senti que precisavam de um conforto por aqui, e por isso eu vim. Tudo bem, pequenos viajantes?

NIQUE: Por que não estaria? Já entendi que não devo mais acreditar em sonhos, pois o mundo não é como pensava! No fim, minha mãe sempre teve razão!

MÃE NATUREZA: Sua mãe não queria que você sonhasse?

NIQUE: Não! Não acho que era isso que ela queria... Eu acho que ela só estava tentando me/

ÁRVORE LEDA: Proteger?

ÁRVORE EDI: Superproteger?

ÁRVORE ILCE: Super hiper mega power proteger?

NIQUE: É, talvez! Não sei, estou me sentindo muito confusa...

MÃE NATUREZA: A confusão faz parte da vida! Todos os seres, desde os mais simples até os mais complexos, de todas as idades, possuem um momento de incertezas. São essas situações que nos permitem seguir em frente!

NIQUE: Você quer dizer que outras pessoas também sentem-se confusas?

ÁRVORE EDI: Eu me sinto todo dia!

ÁRVORE LEDA: Principalmente nas aulas de matemática!

ÁRVORE ILCE: E a vontade que dá é de fugir de tudo!

NIQUE: (*Concordando com a última árvore*) É, eu não sei o que aconteceu comigo, acho que fiquei com medo...

MÃE NATUREZA: Medo de continuar sua busca, ou medo de permanecer no mesmo lugar?

NIQUE: Parecem ser as duas coisas! Eu quero viver tantas experiências novas, desafios novos... Mas ao mesmo tempo, tudo que não conheço me deixa um pouco assustada. Eu não imaginava que uma viagem como esta me deixaria com mil dúvidas, e sobre minha mãe... Estou com medo de decepcioná-la, medo de comprovar que talvez eu nunca esteja pronta para sair de casa!

MÃE NATUREZA: (*Tranquilizando-a*) Compreendo como se sente, e compreendo como a pessoa que lhe cuida sente-se também. É muito provável que a intenção dela nunca foi lhe impedir de nada que pudesse alcançar, e se você conversar com ela, vai perceber que muito provavelmente ela esteja descobrindo-se, com suas dúvidas e inseguranças, assim como você. Isso quer dizer que, muitas vezes ela também está tentando, e aprendendo a cada dia que passa.

RICO: (*toca nas mãos de Nique*) E está tudo bem se sentir confusa ou com dúvidas, pois todas as certezas que existem, só existem porque alguém pensou em uma pergunta iniciada com “e se...?”.

ÁRVORE ILCE: “Como?”

ÁRVORE LEDA: “Quando?”

ÁRVORE EDI: “Por que?”

RICO: E de qualquer forma, você nunca esteve sozinha, pois sempre terá a minha companhia, para lhe abraçar nos bons e maus momentos!

NIQUE: Mesmo que a tarefa que a mamãe lhe passou acabe, você ficará no reino para brincar comigo?

RICO: Eu nunca sairia de lá porque isso nunca foi uma tarefa!

Os dois abraçam-se, e o espírito aventureiro de Nique retorna.

ÁRVORE ILCE: Adorei a aula de hoje!

ÁRVORE LEDA: Pois é! Quem diria que as preocupações também são uma forma de cuidado!

ÁRVORE EDI: E o que você pretende fazer agora, Nique?

NIQUE: (*Confiante*) Pretendo colocar em prática tudo que aprendi nesta aventura!

MÃE NATUREZA E ÁRVORES: É isso aí!

A Mãe Natureza aproxima-se das Árvores, como se estivessem indo embora.

NIQUE: Espera, qual é mesmo o seu nome?

MÃE NATUREZA: Eu tenho muitos nomes, basta você olhar...

As Árvores mostrarão suas mãos ao público, nas quais haverá os nomes das pessoas que cuidaram e cuidam das atrizes. Nique e Rico olharão para suas próprias mãos também, e assim será esperado que o público tenha um momento para olhar para as folhas que receberam antes de entrar no teatro, as quais será pedido para que escrevam o nome da pessoa que cuida e/ou cuidou deles.

RICO: Uau!

NIQUE: *(Olhando para a Mãe Natureza)* Obrigada... Mãe!

A Mãe Natureza aproxima-se de Nique, abraçando-a, e as árvores correm em volta das duas. Há um efeito de luz que simula uma passagem de tempo, e logo todos saem de cena, permanecendo no palco somente Nique e Rico.

CENA VII

Em cena, Nique e Rico conversam.

RICO: E então, Nique, o que você aprendeu?

NIQUE: Ah, Rico, não vai querer que eu diga agora, no meio de nossa aventura, não é?

RICO: *(Nervoso)* Acho melhor você dizer agora, talvez sejam nossas últimas palavras!

Uma luz vermelha entra.

NIQUE: Céus! Aquilo é o vulcão! Está entrando em erupção, Rico!

RICO: *(Em pânico, andando de um lado para o outro)* Eu sei! Eu sei!

NIQUE: *(Nervosa, andando de um lado para o outro também)* O que faremos agora, Rico?

RICO: Eu não sei! Eu não sei!

NIQUE: Se não pensarmos em nada logo estaremos fritos!

RICO: Fritos! Nem comemos os nossos ovos fritos!

Nervosos, continuam caminhando de um lado a outro, enquanto falam ao mesmo tempo. Nique busca entre os livros alguma referência do que fazer, e ao não encontrar nada, paralisa de olhos fechados, pensativa.

NIQUE: Tá, pensa! Pensa!

Ouvem-se vozes que soam como se fossem os pensamentos de Nique.

VOZ 1: “Reflexão...”

VOZ 2: “Confiança...”

VOZ 3: Dentro do seu coração...”

VOZ 4: “As certezas só existem porque...”

VOZ 5: “A confusão faz parte da vida...”

NIQUE: A confusão faz parte da vida?!

VOZ 1: “A confusão faz parte da vida!”

VOZ 2: “A confusão faz parte da vida!”

(NIQUE): Música: “A confusão faz parte da vida”

(CORO): A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

(NIQUE): Algumas dúvidas vão surgir

Inseguranças podem aparecer

Mas não devemos parar de agir

A resposta deve ser:

(CORO): A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

(NIQUE): Há momentos de incerteza,

Não sabemos a direção!

Mas é da nossa natureza,

Sempre fazer uma reflexão!

(CORO): A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

(NIQUE): E se a coroa, eu ainda não encontrar,

Já tenho as respostas, de onde procurar,

Sigo em frente com convicção,

Busco o que está dentro do meu coração!

(CORO): A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

A confusão faz parte da vida!

RICCO: Olha só, o vulcão acalmou...

NIQUE: Pois é, acho que assim como nós, ele também só precisava de um pouquinho de reflexão e confiança!

RICCO: (*Nota algo no chão*) Nique! Nique, Nique, Nique!

NIQUE: (Notando também) Rico, Rico, Rico!

RICCO: Acho que encontramos sua coroa!

NIQUE: M-mas já?! Eu nem entrei na “Caverna do Dragão”, ou fui para a “Aldeia da Folha”...

RICCO: É que você já viveu a maior das suas aventuras! Permitiu-se imaginar não só com a mente, mas também com o coração! E além disso, nada impede que você continue se aventurando por aí...

NIQUE: Pois eu nunca mais quero parar! Eu sinto como se pudesse viajar para todos os lugares do universo!

RICCO: E você pode! De todos eles! Nunca pare de sonhar, pois é isso que nos faz ser princesas e príncipes de nossas vidas!

Rico coloca a coroa na cabeça de Nique. Ela está fascinada.

NIQUE: Ah, faltou uma coisa! (*Pega do bolso uma caneta e desenha uma estrela na coroa*) Agora sim, bem melhor!

RICCO: (**Rindo**) Só você! Ei, vamos brincar de pique-esconde? Você começa!

NIQUE: Vamos! Tá bem! 1... 2... 3....

CENA VIII

Rico sai de cena para se esconder. Mãe entra em cena, animada.

MÃE: Notícia boa, minha filha! Notícia boa! Vamos passear?

NIQUE: Ân? Mãe?

MÃE: Vamos, minha princesa! Você não queria se aventurar?

NIQUE: *(Dá um pulo)* Claro que quero! Vou convidar o Rico! Onde ele está?

MÃE: Rico?! Quem é Rico?

NIQUE: Meu mais novo amigo! Nós estávamos juntos até agora pouco! Somos companheiros piratas!

MÃE: *(Olha para uma folha no chão, e a recolhe)* Por acaso este seria o Rico? *(Mostra para Nique e para a plateia, o desenho de um personagem com as mesmas roupas e cores das roupas de Rico)*

NIQUE: *(Para por alguns instantes, e depois sorri)* Ele mesmo, mamãe!

Nique pega o papel e abraça sua mãe.

MÃE: *(Olhando para um dos livros)* Sabe onde poderíamos ir agora?

NIQUE: *Onde?*

MÃE: *(Pegando o livro)* Bairro do Limoeiro, conhece?

NIQUE: *(Rindo)* Eu iria adorar conhecer!

MÃE: *(Estende a mão para a filha)* Vamos?

NIQUE: Vamos!

Enquanto saem de cena, ouve-se o estalar de dedos da última música.

Fim.